



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

MARINA BERNDT DA LUZ

**A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA,
A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO
DO MILÊNIO**

Florianópolis

2011

MARINA BERNDT DA LUZ

**A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA,
A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO
DO MILÊNIO**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Doutor José Baltazar Salmegirinho Osório de Andrade Guerra.

Florianópolis

2011

MARINA BERNDT DA LUZ

**A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA,
A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO
DO MILÊNIO**

Este Relatório de Estágio Supervisionado foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais, da Universidade do Sul de Santa Catarina.

_____, ____ de _____ de 20____.
Local dia mês ano

Orientador: Prof. Dr. José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. examinador, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. examinador, Msc.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Aos meus pais, Paulo e Ana, pelo amor incondicional e incentivo.

A todos aqueles que, por amor a Jesus Cristo, dedicam suas vidas em favor do próximo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, meu Senhor e Salvador, razão do meu viver. Com Ele, posso todas as coisas.

Agradeço ao meu pai, Paulo Eduardo, pela liberdade de escolher o curso que eu queria fazer, pelo incentivo e suporte, em todos os momentos. A minha mãe, Ana Lúcia, pela sabedoria, e por me mostrar, com sua vida, o que é o verdadeiro amor, a paciência e a fidelidade. Ao meu irmão, Eduardo, por ter bem definido o que é certo e o que é errado, por compartilhar ideias e incentivar meu maior sonho.

Aos meus tios e primos, Rita, Marinho, Pedro e Fernanda, que me acolheram em sua casa em Florianópolis nos anos de faculdade, e à minha família nos Estados Unidos, Dóris, Carlos, Bruno e Felipe, que me recebeu no período de intercâmbio, obrigada por tudo.

A organização religiosa Gideões Missionários da Última Hora, e todos os seus funcionários, principalmente ao pastor e amigo Oswaldo Horongozo Filho e sua família pela oportunidade da realização do estágio, que me proporcionou crescimento e experiências incríveis.

Aos amigos de faculdade, os momentos vividos com vocês jamais serão esquecidos. A minha amiga e colega de curso, Fernanda Barreto, pelo companheirismo, pelas conversas, por compartilhar uma fé, e por todos os momentos que passamos juntas. As amigas de intercâmbio, Mariana e Bea, a experiência nos Estados Unidos foi bem melhor por causa de vocês.

Aos amigos que fiz em Florianópolis, vocês fizeram meus anos de faculdade melhores do que eu podia imaginar.

Ao meu orientador professor Dr. José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra, meu muito obrigada pela paciência e perseverança, pelas incríveis contribuições, tanto no trabalho em si, como na minha vida pessoal, você é exemplo para mim.

A todos meus familiares, amigos e professores, que fizeram dessa caminhada um período de alegrias, de aprendizado e de muita saudade.

“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” (Mateus 5:9)

RESUMO

As organizações religiosas ganham destaque no cenário internacional, juntamente com ONG's e outras instituições, sendo possível ver a atuação das organizações religiosas em diversos países, principalmente na área evangelística e social. Os Gideões Missionários da Última Hora, vinculados à Igreja Assembléia de Deus, atuam internacionalmente na promoção do desenvolvimento humano. Com base nessas considerações, este trabalho investiga o papel das igrejas no campo da ajuda humanitária e cooperação nas relações internacionais, apresentando o caso dos Gideões Missionários da Última Hora, como forma de se demonstrar o papel das religiões na promoção do desenvolvimento humano. Foi possível concluir que, no campo das relações internacionais, as igrejas, quando atuam de forma organizada, possuem um papel de relevante importância no que se refere à ajuda humanitária e na cooperação internacional.

Palavras chave: Relações Internacionais. Ajuda Humanitária. Igrejas. Gideões Missionários da Última Hora.

ABSTRACT

The religious organizations have been highlighted in the international scenario along with NGO's and other institutions, it is possible to see the performance of religious organizations in several countries, especially in the evangelistic and social area. The Gideões Missionários da Última Hora, linked to the Assemblies of God, work internationally to promote human development. Under these considerations, this paper investigates the role of churches in the area of humanitarian assistance in international relations, presenting the case of Gideões Missionários da Última Hora as a way to demonstrate the role of religions in promoting human development through humanitarian aid. It was possible to conclude that, in the field of international relations, the churches, when acting in an organized way, have a role of importance in what refers to humanitarian aid and international cooperation.

Keywords: International Relations. Humanitarian Aid. Churches. Gideões Missionários da Última Hora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ONU.....	31
Figura 2 – Mapa identificando os países nos quais os GMUH possuem projetos.....	49
Fotografia 1 – Pastor dos GMUH e repórter, Ivandro Morim, em visita à Bolívia.....	51
Fotografia 2 – Missionários Valdevino e Karla de Lacerda com as crianças do Projeto Haiti.....	55
Fotografia 3 – Pastor dos GMUH, Alexandre Bernardino após o terremoto no Haiti.....	58

LISTA DE SIGLAS

GMUH – Gideões Missionários da Última Hora

ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Geral	13
1.2.2 Específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA	14
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA	16
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
2.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL	18
2.2 DESENVOLVIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO	23
2.3 OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO	30
2.4 NOVOS ATORES DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	35
2.5 O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS NA COOPERAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO	38
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	45
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO	45
3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS SOBRE O PROBLEMA DA PESQUISA	48
3.2.1 Histórico dos projetos internacionais dos GMUH	48
3.2.2 O Haiti e o projeto na área da educação desenvolvido pelos GMUH	52
3.2.2.1 Haiti	52
3.2.2.2 Os Gideões Missionários da Última Hora no Haiti	53
3.2.3 A ação dos GMUH e as metas de desenvolvimento do milênio da ONU	59
4 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	63
REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

O estudo das relações internacionais no início do século XXI está bastante complexo e conta com a presença de diversos novos atores, ou seja, participantes dessas relações. Além dos países e das organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e muitas outras já estabelecidas no mundo atual e respeitadas pelos países, surgem novos agentes no cenário global, como por exemplo, empresas, organizações não governamentais (ONGs) e outras instituições de caráter social e religioso, que desempenham papéis relevantes e dignos de estudo nas relações internacionais.

Dentro desse contexto, as organizações religiosas desempenham suas ações de cunho evangélico e social tanto no âmbito local, com ajudas a bairros carentes da cidade onde estão inseridas, assistência aos moradores de rua, orfanatos, entre outros. Como também internacionalmente, mas em menor escala, pois quanto maior o alcance, mais conhecimento, estrutura, organização e recursos são necessários por parte das instituições. No cenário internacional há ainda barreiras como idioma, cultura, logística e um alto investimento, pois desenvolver um projeto internacional requer tempo, planejamento e dinheiro. Historicamente o Brasil foi alvo de recebimento de ajuda internacional por parte de organizações religiosas, e ainda o é. Essas organizações, através do envio de pessoas para comunidades distantes, com o objetivo de levar, o que acreditam ser, uma mensagem de esperança, visam o completo desenvolvimento humano, no qual inclui a questão espiritual. Atualmente o Brasil também participa como colaborador, e conta com diversas organizações de grande porte, que financiam e desenvolvem projetos internacionais.

Entre as principais ações desenvolvidas por instituições religiosas no campo do desenvolvimento humano, na esfera das relações internacionais, pode-se citar iniciativas de médio e longo prazo, que buscam uma melhoria nos padrões de vida de pessoas carentes, sem ou com acesso limitado ou precário a serviços básicos, tais como água, saneamento, saúde, educação entre outros. Para o estabelecimento de um projeto em outro país, é necessária toda uma preparação, com estudos, documentos, e

muita disponibilidade. Após a chegada no local, existe um período de adaptação, contatos com pessoas, conhecimento das necessidades específicas do local e a estruturação de um projeto em si, que visa estar sempre crescendo e se adaptando à realidade onde está inserido, para alcançar cada vez mais pessoas.

Com base nesses pressupostos, este trabalho trata de um esforço para verificar o papel e, de certa forma, a importância, das igrejas e as organizações religiosas, na promoção do desenvolvimento humano. O foco de análise deu-se à instituição denominada Gideões Missionários da Última Hora, vinculados à Igreja Assembléia de Deus, que será retratado como forma de estudo de caso.

1.1 EXPOSIÇÃO DO TEMA E DO PROBLEMA

As organizações religiosas, juntamente com outras instituições, e organizações não governamentais, pertencentes ao terceiro setor, desempenham muitas vezes o papel que deveria ser exercido pelos Estados, como o de combater a pobreza, garantir o acesso à alimentação, saúde e educação. Os governos tentam de diversas formas lidar com as questões sociais, mas são poucos os países que conseguem alcançar níveis favoráveis de qualidade de vida para a população, assim, as organizações cooperam no preenchimento de lacunas deixadas pelos governos, possibilitando que mais pessoas possam viver de maneira digna.

Para comprovar a dificuldade de combater os problemas sociais basta citar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, compromisso assinado pelos 191 Estados-Membros das Nações Unidas, que prevê, até 2015, entre outros pontos, a erradicação da extrema pobreza e da fome, a promoção da igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres. Outro compromisso assumido foi o de tornar o direito ao desenvolvimento uma realidade para todos, objetivos que precisam ser alcançados para garantir a continuidade da vida, mas que são difíceis de serem atingidos (PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2010).

É notável a crescente importância e visibilidade alcançadas pelas organizações e instituições sociais nas últimas décadas. Com a globalização e o avanço dos meios de comunicação é possível ter acesso à informação de forma instantânea aos acontecimentos, o que permite, por exemplo, envio de ajuda imediata a locais que sofreram catástrofes naturais. (GARCIA, 2010).

Além disso, pode-se perceber a mudança de indicadores relacionados à intervenção de organizações religiosas nas estatísticas de um país. No Haiti, por exemplo, escolas privadas, dirigidas por igrejas e ONGs são responsáveis pela educação de 80 por cento das crianças sendo educadas. (PARENTE, 2011).

Tendo em vista o aumento de ações internacionais na área de ajuda humanitária por parte de novos atores nas relações internacionais, pretende-se responder à seguinte questão: De que forma os Gideões Missionários da Última Hora atuam internacionalmente na promoção do desenvolvimento no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio?

1.2 OBJETIVOS

A seguir estão apresentados os objetivos gerais e específicos do presente trabalho, que serão respondidos no decorrer do mesmo.

1.2.1 Geral

Analisar o papel dos Gideões Missionários da Última Hora, na promoção do desenvolvimento na ótica dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

1.2.2 Específicos

- a) Apresentar um histórico dos programas e as estratégias de ajuda internacional dos Gideões Missionários da Última Hora;
- b) Descrever o projeto internacional dos GMUH no Haiti, com foco na área da educação;
- c) Relacionar a ação dos GMUH com as Metas de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em virtude do surgimento de cada vez mais instituições e organizações religiosas preocupadas com o rumo que o mundo tem vivenciado, e sua crescente participação no cenário internacional, bem como com as questões relacionadas à fome e à pobreza, justifica-se a escolha desse tema, referente a organizações religiosas e sua importância na cooperação internacional e no desenvolvimento humano.

Existe uma falta de interesse por parte da mídia nas ações praticadas por organizações religiosas, tanto que é de certa forma difícil encontrar material de estudo aprofundado sobre organizações com esse caráter. Mas, pelo fato da acadêmica fazer parte de um grupo religioso, e por conhecer pessoas comprometidas e envolvidas com diversas organizações, é possível um maior entendimento e conhecimento de projetos desenvolvidos por estas.

Para a acadêmica, a importância do tema escolhido trouxe a conexão de assuntos estudados em sala de aula que despertavam grande interesse e a realidade desses aspectos, através das práticas da organização onde foi realizado o estágio, que presta ajuda humanitária a pessoas de diversos países. Para o local de estágio, houve contribuição mediante sugestões que visam melhorar diversos aspectos da organização, como por exemplo, o auxílio a ser prestado na tradução do website da organização para a língua inglesa. Para a Universidade, a presente pesquisa se faz importante devido à interrelação e abertura de canais de relacionamento com

organizações religiosas e o desenvolvimento intelectual especialmente por se tratar de um tema pouco explorado no meio acadêmico. Para a sociedade, é assunto de mérito no sentido de estudar e relacionar temas cujo interesse tem crescido, como ajuda humanitária e a atuação de organizações religiosas.

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O termo pesquisa pode ser definido como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” (GIL, 2002, p. 17).

Rudio (2002, p. 9) ressalta que:

‘Pesquisa’, no sentido mais amplo, é um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento. A fim de merecer o qualificativo de *científica*, a pesquisa deve ser feita de modo sistematizado, utilizando para isso método próprio e técnicas específicas e procurando um conhecimento que se refira à realidade empírica. Os resultados, assim obtidos, devem ser apresentados de forma peculiar.

Para a construção deste trabalho, utilizou-se o método estudo de caso, com base em pesquisa bibliográfica (exploratória) e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se como técnica a pesquisa documental.

O estudo de caso, de acordo com Yin (2005), como ferramenta de pesquisa, é utilizado em muitas situações para contribuir com o conhecimento que se tem de fenômenos organizacionais, individuais, políticos, sociais e de grupo. O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características peculiares e significativas dos acontecimentos de processos organizacionais, administrativos, individuais, regiões urbanas, relações internacionais, entre outros.

Para Fachin (2003), o método estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo intensivo, que leva em conta a compreensão, de um todo, do assunto investigado.

A pesquisa é classificada como exploratória, visto que tem por “objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, [...] e o aprimoramento de idéias.” (GIL, 2002, p. 41). Também é considerada descritiva, pois “é um levantamento das características conhecidas, componentes do [...] problema. É normalmente feita na forma de levantamentos ou observações sistemáticas do [...] problema escolhido.” (SANTOS, 2001, p. 26)

No que se refere à abordagem, a presente pesquisa é definida como qualitativa. De acordo com Neves (1996, p. 101), “os pesquisadores buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno”.

Com a abordagem qualitativa, afirma Fachin (2003), o pesquisador interpreta o fenômeno e o seu significado, dentro do ambiente, com dados que lhe permitem a aquisição de dados para elucidação.

Em relação aos procedimentos técnicos utilizados, a coleta de dados foi feita através de pesquisa documental. Gil (2002, p. 45) explica que “a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.” Na análise documental, segundo Gil (2002, p.46) são incluídos “documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações, igrejas, sindicatos [...]” bem como “fotografias, regulamentos, [...] relatórios de pesquisa, tabelas estatísticas etc.” Também foram utilizadas, para obtenção de dados, entrevistas informais com funcionários, que “se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados.” (GIL, 2002, p. 117).

1.5 ESTRUTURA DA PESQUISA

O trabalho está dividido em partes, para que se possa acompanhar o raciocínio desenvolvido.

Num primeiro momento, são apresentados os tópicos introdutórios, que contemplam, além da introdução, o tema e o problema, os objetivos gerais e específicos, a justificativa do estudo e a metodologia utilizada na pesquisa.

No segundo capítulo, faz-se a revisão da literatura que se destina ao embasamento teórico do trabalho, e pode-se compreender melhor os conceitos de temas fundamentais para o entendimento do trabalho, são eles a cooperação internacional, o desenvolvimento e subdesenvolvimento, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, os novos atores das relações internacionais, e ainda, o papel das organizações religiosas na cooperação e no desenvolvimento.

No terceiro capítulo, contempla-se a caracterização do local de estágio, e a seguir, são apresentados os resultados referentes aos objetivos da pesquisa.

O trabalho segue com a conclusão, recomendações e as referências.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os temas expostos a seguir constituem a fundamentação teórica do presente trabalho. São assuntos que permitirão o entendimento e uma visão mais ampla dos objetivos centrais propostos.

2.1 COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

A cooperação internacional, ou seja, o intercâmbio de um determinado país com o meio externo, a fim de estreitar relacionamentos e canalizar apoio, pode ser classificada quanto a sua natureza e tipo, além de poder ser considerada oficial, aquela que acontece no caminho governamental, e a descentralizada, que acontece diretamente entre as instituições cooperantes. Quanto à natureza da cooperação, ela pode ser bilateral, entre dois países; multilateral, entre um país e uma organização internacional, ou ainda, trilateral, entre dois países em desenvolvimento e um país doador, ou dois países doadores e um em desenvolvimento. Quanto ao tipo, ela pode ser uma cooperação de assistência e ajuda humanitária, para enfrentar situações urgentes e de calamidade, técnica, que serve para ampliar as capacidades técnicas e acelerar os processos de desenvolvimento de um país, ou ainda, financeira, que inclui as doações e também os empréstimos a juros favorecidos. (COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, 2007).

A cooperação internacional é uma idéia fugidia, que tem perseguido a humanidade - ou, melhor dizendo, que a humanidade tem perseguido (na teoria, se não na prática) - desde, pelo menos, que os gregos iniciaram uma reflexão consciente sobre a Política. (AMORIM, 1994, p.150).

Relatando sobre a origem e os antecedentes filosóficos da cooperação internacional, Amorim (1994) explica que a cooperação da qual Platão e outros autores gregos falam é aquela que visa impedir a guerra entre gregos. Amorim considera irônico

o fato de que a cooperação foi mais facilmente atingida quando existia alguma ameaça às Cidades-Estados. Já no período medieval “toda aliança só seria justa na medida em que servisse para promover a fé cristã e detivesse os avanços de bárbaros e infiéis”. (AMORIM, 1994, p. 150).

Sobre os objetivos da cooperação internacional, expõe Marcovitch (1994, p. 52 apud AMORIM, 1992):

A cooperação internacional tem como um dos seus primeiros pressupostos a idéia da autoridade, isto é, o respeito por um Estado à existência de outros Estados, cujos objetivos podem e devem ser por eles próprios traçados. Assim, a idéia hobbesiana da vida internacional como a guerra de todos contra todos, temperada apenas pela moderação que a própria razão e o auto-interesse ditassem, representa, paradoxalmente, um momento importante na evolução do pensamento político e da própria idéia de cooperação, na medida em que contribui para enterrar os mitos que tornariam qualquer cooperação autêntica impossível.

Na visão de Hinsley (1993 apud AMORIN, 1994, p. 152), “o balanço ou equilíbrio europeu visou muito mais à manutenção de uma certa ordem internacional, com a preservação da autonomia dos que nela participavam, do que propriamente à Paz”. O autor complementa que foram necessários séculos de conflitos, incluindo o desastre da Primeira Guerra Mundial e suas sequelas, para que fosse fortalecida e convertida em ação a idéia de cooperação.

Soares (1994, p.165), sobre a evolução da cooperação, diz:

[...] em séculos anteriores, a preocupação era estabelecer regras negativas nas relações internacionais (ou seja, regras de conduta dos Estados, que assegurassem a paz através de normas proibitivas de ações perturbadoras da mesma, e, portanto, um Direito Internacional que assegurasse o *status quo*), particularmente a partir do sistema das Nações Unidas, a ênfase atual recai no estabelecimento de regras de construção de comportamentos, no incentivo de condutas de cooperação.

“A cooperação internacional depende do engajamento das elites e lideranças da sociedade”, sendo que “as organizações não governamentais são relevantes, por serem importante fonte de energia propulsora de novas mentalidades.” (MARCOVITCH, 1994, p.48), O autor também fala sobre a dificuldade de articulação entre Estado,

academia e empresa, que dificulta a concepção de projetos de cooperação internacional.

Para o Papa Bento XVI (2009):

A cooperação internacional precisa de pessoas que partilhem o processo de desenvolvimento econômico e humano, através da solidariedade feita de presença, acompanhamento, formação e respeito. Sob este ponto de vista, os próprios organismos internacionais deveriam interrogar-se sob a real eficácia dos seus aparatos burocráticos e administrativos, frequentemente muito dispendiosos.

A crítica feita pelo Papa Bento XVI é bastante pertinente no que se refere a grande burocracia das organizações internacionais, burocracia que é capaz de até mesmo atrapalhar os objetivos da organização.

A localização geográfica é muito importante para a cooperação internacional. Para Marcovitch (1994), a cooperação deve proporcionar frutos significativos e conduzir a uma apropriada integração regional. A respeito da importância da América Latina para o Brasil, por exemplo, Lafer (1994, p. 25) afirma:

O grande número de vizinhos, a variedade de foros e áreas de atuação regional – por exemplo, os tratados da Bacia do Prata e de Cooperação Amazônica, assim como os mecanismos de integração econômica e de concertação política marcam historicamente o sentido de identidade e a prioridade da América Latina para a política externa brasileira. A América Latina não é para nós uma mera opção diplomática. É, como tenho afirmado, a nossa circunstância.

Sobre a diferença entre fronteira de separação e fronteira de cooperação, Lafer (1994, p. 25) pondera que, no caso brasileiro, “a fronteira separação não provém de conflitos, mas é consequência dos espaços vazios em regiões de difícil acesso e com limitada rede de intercomunicações físicas, como a Amazônia [...]”. Já no caso da fronteira de cooperação, o sentido é bem amplo no caso do Brasil, pois inclui a fronteira marítima, que liga o país ao mundo e aos vizinhos africanos, contudo, o mencionado autor aponta o Mercosul como maior exemplo para o Brasil e o define como “fronteira que perde gradativamente o seu significado primordial como elemento divisório de soberanias para incorporar as vantagens econômicas e sociais do mercado ampliado”.

Mas também diz que “a prioridade do Mercosul não implica, porém, incompatibilidade ou exclusões em relação a outras parcerias”. (LAFER, 1994, p. 26, p. 43).

Para Lafer (1994, p. 27), o Brasil é formado por uma sociedade que, ao mesmo tempo, demonstra traços de primeiro e terceiro mundo na sua realidade econômica e social. Ele diz:

[...] é por sua intensa vivência com realidades internas diferenciadas e complexas que o Brasil está capacitado para exercitar internacionalmente a prática do diálogo. [...]. Confere-nos legitimidade para promover a cooperação e para trabalhar em prol da construção de uma ordem mundial mais justa do ponto de vista político, econômico e ético.

Conforme visto acima, em virtude da sua grandeza territorial e cultural, o Brasil é um país que possui competências para o entendimento e possíveis ajudas na cooperação internacional.

Lafer (1994, p. 41) explica que “na visão da política externa brasileira, o relacionamento entre os Estados é – e deve continuar a ser – condicionado por estímulos ou desestímulos de cooperação, e não por imposições ou proibições.” Com tantas incertezas em relação ao futuro, a cooperação entre parceiros tem possibilitado alcançar objetivos comuns e formar alianças que “não asseguram o êxito, mas amenizam o vulto das ameaças.” (MARCOVITCH, 1994, p. 47).

Marcovitch (1994, p. 61) aponta algumas diretrizes básicas para modelos de cooperação, que favorecem o surgimento de relações entre Estados e sociedade, dentre as quais vale a pena destacar:

[...] escolher iniciativas dentro do marco maior de referência da política externa e das prioridades internas; atuar, sempre que possível, através das instâncias existentes a fim de desburocratizar a cooperação, descentralizando-a junto às unidades próximas das atividades-fim; induzir o engajamento de pessoas, áreas e unidades, desde a concepção até a avaliação dos projetos de cooperação, para garantir elevado nível de participação.

Segundo Amorim (1994) a cooperação entre países em desenvolvimento, a chamada cooperação Sul-Sul, quando baseada em objetivos similares, e em recursos complementares é fundamental para a política internacional dos países em desenvolvimento, pois não há desequilíbrio entre os parceiros, nem desconfiança e

riscos típicos da disparidade entre países. A cooperação com países mais desenvolvidos, porém, também apresenta vantagens, como a tecnologia disponível nos países desenvolvidos. Amorim (1994, p.162) propõe:

O grande desafio que se apresenta [...] aos países em desenvolvimento é, justamente, o de combinar esforços em diferentes direções, buscando aumentar sua capacidade própria de absorção e geração de tecnologia – para o que, medidas especiais de proteção à sua indústria continuam a ser indispensáveis – sem perder de vista as oportunidades efetivas de cooperação com outros países.

É possível identificar na citação que existem desafios enfrentados pelos países quanto a proteção de suas tecnologias e ao mesmo tempo de cooperação e compartilhamento dessas mesmas tecnologias.

A respeito das relações entre os países e a formação de alianças, na opinião de Morgenthau (2005, p. 193) as alianças são uma função necessária do balanço de poder quando impera um sistema de múltiplos países. Nações A e B competindo entre si, possuem três opções para manter e melhorar sua posição relativa de poder. Elas podem aumentar seu próprio poder, podem adicionar ao seu próprio poder o poder de outras nações, ou ainda, podem reter o poder de outras nações do adversário. Quando escolhem a primeira opção, elas embarcam em uma corrida armamentista. Quando escolhem a segunda e a terceira alternativas, elas buscam uma política de alianças.

A dependência que um país pode vir a desenvolver na cooperação internacional é um assunto que requer reflexão, temos exemplos de países que dependem de constante ajuda e muitas vezes, contando com essa ajuda, não investem para poder suprir essas necessidades internamente. “A interdependência pode transmitir tanto más influências como boas, o desemprego e a inflação podem ser exportados assim como crescimento e prosperidade.” (KEOHANE, 1984, p. 5, tradução nossa).

Para Amorim (1994) apelar para a cooperação como única ou principal fonte de desenvolvimento é submeter-se à dependência externa. Waltz (apud MACEDO, 2002, p.89) afirma que “um estado também se preocupa em não se tornar dependente de outros por meios de cooperação e intercâmbio de bens e serviços.” Considerando que esse é um modo de como a estrutura política internacional limita a cooperação,

pois “quanto maior a especialização de um Estado, mais ele depende de outros para suprir os bens que não produz. Quanto maior a importação e exportação de um Estado, mais ele depende dos outros.” (WALTZ, apud, MACEDO, 2002, p.89).

2.2 DESENVOLVIMENTO E SUBDESENVOLVIMENTO

Tanto o desenvolvimento quanto o subdesenvolvimento são assuntos de debate, discussões e de fundamental importância no âmbito das relações internacionais. São assuntos que podem gerar confusão quanto ao seu real significado, muitas vezes interpretados de maneira equivocada e de forma divergente entre os autores que estudam esses temas. Por existir uma multiplicidade de definições, se faz importante ressaltar o ponto de vista de diversos autores, permitindo assim um melhor entendimento e uma visão mais ampla dos conceitos.

A respeito do significado de desenvolvimento Pizzi (2010) explica que “a etimologia da palavra se vincula às expressões des + envolver, ou seja, tirar o que envolve ou oculta.” Assim, pode-se entender que desenvolvimento é o processo de abertura, ou seja, o descobrimento de algo que antes não se conhecia.

Sobre a abrangência do conceito de desenvolvimento, Pizzi (2010) afirma:

[...] tanto na conceptualização como na prática, o desenvolvimento admite diversas acepções ou conteúdos. O fato é que a conceituação de desenvolvimento coaduna diferentes planos, como o intelectual, moral, psicológico, espiritual, biológico, econômico, social etc. Não se trata, pois, de aperfeiçoar um dos aspectos, mas de aprimorar a capacidade de inteligência, de espírito, da personalidade, de diálogo, de iniciativa, de compreensão. Nesse sentido, pode-se falar de desenvolvimento psicológico e motor, ou então, no desenvolvimento de um país ou região.

Já Antunes (2004) entende por desenvolvimento como:

a simplificação e eficiência organizativa dos processos de produção, distribuição e consumo, a todos os níveis, de um sistema social –econômico, jurídico, político, ideológico, cultural-, com vista à realização do ser humano, em harmonia com a Natureza.

Faz-se importante ressaltar a diferença de desenvolvimento e de crescimento econômico, visto que, para alguns, são conceitos sinônimos. Oliveira (2002, p. 38) explica que:

O debate acerca do conceito de desenvolvimento é bastante rico no meio acadêmico, principalmente quanto à distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico, pois muitos autores atribuem apenas os incrementos constantes no nível de renda como condição para se chegar ao desenvolvimento, sem, no entanto, se preocupar como tais incrementos são distribuídos.

Sobre a distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico, Vasconcellos (2002, p. 401) escreve:

Crescimento econômico é o crescimento contínuo da renda per capita ao longo do tempo. O desenvolvimento econômico é um conceito mais qualitativo, incluindo as alterações da composição do produto e a alocação dos recursos pelos diferentes setores da economia, de forma a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social (pobreza, desemprego, desigualdade, condições de saúde, nutrição, educação e moradia).

Ainda nesse sentido, considerando a diferença conceitual de desenvolvimento e crescimento econômico, o PNUD (1994, p.4, apud, ANTUNES, 2004) considera:

Para enfrentar o crescente desafio da segurança humana é necessário um novo modelo de desenvolvimento que coloque o povo no centro, que olhe o crescimento econômico como um meio e não como um fim, que proteja as oportunidades de vida das futuras gerações, assim como das atuais e respeite os sistemas naturais dos quais a vida depende

De acordo com o PNUD, o crescimento econômico precisa ser visto de forma mais ampla pela sociedade, não podendo ser restringido a um objetivo, que visa simplesmente o aumento das riquezas, mas deve proporcionar uma melhoria de vida para a população, hoje e no futuro.

Desenvolvimento pode também ser conceituado como “um processo de aperfeiçoamento em relação a um conjunto de valores” (COLMAN & NIXON, 1981,

apud, DOMINGUES, 2004). Nesse conjunto de valores podem estar incluídas diversos aspectos da vida humana, dentre eles o fator espiritual.

O desenvolvimento é um tema discutido pelas mais variadas esferas da sociedade, e faz parte dos debates e das preocupações de diversas instituições. O Papa Bento XVI, por exemplo, fala bastante sobre desenvolvimento em sua carta encíclica de 2009. Destaca-se:

O risco do nosso tempo é que, à real interdependência dos homens e dos povos, não corresponda a interação ética das consciências e das inteligências, da qual possa resultar um desenvolvimento verdadeiramente humano. Só através da caridade, iluminada pela luz da razão e da fé, é possível alcançar objetivos de desenvolvimento dotados de uma valência mais humana e humanizadora. A partilha dos bens e recursos, da qual deriva o autêntico desenvolvimento, não é assegurada pelo simples progresso técnico e por meras relações de conveniência, mas pelo potencial de amor que vence o mal com o bem (cf. Rm 12, 21) e abre à reciprocidade das consciências e das liberdades. (BENTO XVI, 2009).

Para um autêntico desenvolvimento, Goulet (2002, p. 109) lista seis dimensões que considera imprescindíveis:

- um componente econômico, responsável por criar uma riqueza real, que promova uma distribuição equilibrada de recursos e uma melhoria nas condições de vida.
- um ingrediente social, que diz respeito às questões de educação, moradia, saúde, emprego.
- uma dimensão política, incluindo a liberdade de expressão, os direitos humanos, uma democracia.
- um elemento cultural, que faz com que as pessoas tenham uma identidade.
- um meio ambiente saudável
- uma outra dimensão, o paradigma da vida plena, que se refere aos sistemas e crenças, ao significado da vida e da história.

É interessante perceber como todas as esferas da vida fazem parte do desenvolvimento, e como todas elas afetam diretamente o desenvolvimento de cada indivíduo.

Existem indicadores que tentam, baseados em fatores determinados, medir os níveis de desenvolvimento, permitindo assim uma comparação entre os países.

Faz-se importante ressaltar o fato de que um conceito pode adquirir enfoques diferentes dependendo o momento histórico em que é encontrado. O desenvolvimento, por exemplo, possui compreensões diferentes ao longo das décadas, mais visivelmente pré-Segunda Guerra Mundial e posterior a ela. Depois da guerra o foco era reconstruir o que havia sido dizimado, era considerado desenvolvido o país que estava se industrializando e incentivando o consumo em massa. Já na década de 70 outros objetivos começam a ser introduzidos, como orientação profissional, mas também percebeu-se que a industrialização estava gerando desigualdades. Nos anos 80 há uma crise no modelo vivido até então, pois os países em vias de desenvolvimento estavam endividados, e foram assim alvo de ajuda de projetos específicos como construção de estradas, hidrelétricas etc. (PIZZI, 2010)

Principalmente a partir dos anos 90 se percebe a reorganização do sistema mundial, com novas regras de comércio exterior, estimulando a competição comercial a níveis mundiais e também reformas no sistema monetário internacional. Ou seja, o fim da Guerra Fria trouxe mudanças na política global que conseqüentemente mudaram também as formas de percepção do desenvolvimento. (PIZZI, 2010)

Ao longo dos anos tem-se desenvolvido metodologias com a utilização de indicadores que tentam, de certa forma, medir o nível de desenvolvimento entre os países. Pois, se o desenvolvimento pode ser caracterizado por um mais e melhor, significa que ele está suscetível a quantificação e qualificação. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita foi um dos primeiros indicadores surgidos, ainda amplamente utilizado, que trabalha com a idéia de crescimento e bem-estar. Porém o crescimento econômico, por mais que resolva grandes enigmas, também traz a tona outros tantos como as mudanças ambientais. (ANTUNES, 2004).

Em 1990 o PNUD elaborou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) “a partir do trabalho de dois economistas, o paquistanês Mahbub UI Haq e o indiano Amartya Sen. O índice nasceu para servir como uma medida alternativa de desenvolvimento em contraposição ao mero uso do PIB dos países” (REVISTA VEJA, 2009).

De acordo com a REVISTA VEJA (2009):

O IDH é uma medida das condições básicas de vida de uma sociedade, com ênfase nos elementos que podem ser amplamente comparados para a maior parte dos países do mundo. O IDH não é um índice de qualidade de vida e, sim, uma medida de condições que determinam possibilidades básicas de vida para os indivíduos, tais como saúde, conhecimento e padrão de vida. Na prática, o IDH é usado para avaliar o nível de desenvolvimento dos países, estados e localidades. Serve como meio de distribuição de recursos em programas governamentais.

O IDH se torna, portanto, um índice mais abrangente, que permite uma comparação mais real e efetiva dos países.

A respeito do subdesenvolvimento, CASTRO explica que:

Na verdade, o subdesenvolvimento não é a ausência de desenvolvimento, mas o produto de um tipo universal de desenvolvimento mal conduzido. É a concentração abusiva de riqueza - sobretudo neste período histórico dominado pelo neocolonialismo capitalista que foi o fator determinante do subdesenvolvimento de uma grande parte do mundo: as regiões dominadas sob a forma de colônias políticas diretas ou de colônias econômicas

A respeito do tema subdesenvolvimento, Antunes (2004) discorre:

Se o termo “subdesenvolvimento” está carregado de ambigüidades, os seus substitutos não têm melhor sorte. É o que acontece com as expressões “países em vias de desenvolvimento”, “Terceiro Mundo”, “nações proletárias”, “países periféricos”, “países do sul”, entre outras.

O Banco Mundial, reconhecido internacionalmente nas questões de combate à pobreza, classifica os países em quatro categorias de acordo com o rendimento nacional bruto per capita, sendo que são consideradas economias em desenvolvimento aquelas com renda média e baixa. São considerados países de renda baixa aqueles com rendimento nacional bruto per capita de 995 dólares ou menos; renda média baixa entre 996 e 3945 dólares; renda média alta entre 3946 e 12195 dólares; e renda alta, de 12196 dólares ou mais. (BANCO MUNDIAL, 2011).

Nas últimas décadas intensificou-se a discussão acerca do desenvolvimento sustentável, principalmente relacionado a assuntos ambientais, mas não se refere exclusivamente à preservação do meio ambiente. Lafer (1994, p. 27) afirma que:

A noção de desenvolvimento sustentável é essencial para a compreensão do mundo em que vivemos, pois engloba não só a idéia de eficiência na produção de riquezas mas também a noção de sustentabilidade ambiental, que, por sua vez, está intimamente relacionada com a superação da pobreza. [...] a pobreza é, em sua essência, um estado de insustentabilidade.

Porém, até o desenvolvimento sustentável já é visto por alguns autores como, de certa forma, ineficiente. Pizzi (2010) explica que num primeiro momento a conceito abrangia simultaneamente o objetivo de proteção ao meio ambiente e o crescimento econômico, tendo o fator econômico ainda o papel principal, mesmo que para alcançá-lo se utilizaria de tecnologias mais eficientes e menos poluidoras. “Embora muito admirado [...] essa tendência começou a perder importância, pois não renuncia ao produtivismo e ao consumismo, considerando-os como objetos mais importantes da vida humana” (CASTRO, 1996, p. 26, apud, PIZZI, 2010).

É perceptível que o fator econômico é o propulsor de diversas campanhas e apoio a projetos sociais ou ecológicos, hoje em dia bastante difundidos em empresas e diversas esferas da sociedade. O que se pretende muitas vezes é vender um conceito de proteção ao meio ambiente, mas somente visando a propagando que resultará em maiores vendas de determinado produto.

Mas o real desenvolvimento e interesse no bem estar de outras pessoas e países também é visível na sociedade e no âmbito internacional. Assim se torna importante associar o conceito de cooperação tendo como finalidade o desenvolvimento. Lafer (1994, p. 40) diz que:

A paz e segurança mundiais, assim como os avanços nos grandes temas da atualidade – democracia, direitos humanos, meio ambiente -, dependem essencialmente da aceleração do desenvolvimento, o que vale dizer, da correção dos desníveis internacionais.

Lafer também defende que é necessário um mínimo de utopia para alcançar objetivos propostos, trabalhar por um sistema internacional que reflita os valores e aspirações daqueles que por ele pelejam, “pela noção de um mundo em que os ideais da paz e da democracia não apenas convivam com os anseios de desenvolvimento mas efetivamente os reforcem e os viabilizem na prática” e isso seria possível através

do “estabelecimento de estruturas de cooperação em matéria de comércio, investimentos e transferência de tecnologia”. (1994, p. 40).

Entre as importantes questões discutidas no que se refere à ajuda internacional para o desenvolvimento, estão as leis de proteção intelectual, que são ponto de atrito, especialmente na transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento. Para Marcovitch (1994, p. 53):

Enquanto países menos desenvolvidos e organizações não governamentais (ONG) buscam facilitar o acesso à tecnologia, consolida-se do outro lado a defesa dos direitos à propriedade intelectual. Defesa sustentada na lógica do rigor econômico e nos interesses estratégicos setoriais de países desenvolvidos. Essa lógica aplica-se também aos setores modernos de países menos desenvolvidos.

Diante de tantos desafios na ajuda para o desenvolvimento, diversos países expressam o desejo de cooperar, firmar acordos entre si com o objetivo de ajudar, especialmente nos casos de emergência e de calamidade. Marcovitch (1994, p. 61) explica que “a coesão econômica e social deve estar presente na definição, aplicação e avaliação das políticas e programas de cooperação, reduzindo assim a exclusão de expressivos segmentos da sociedade humana.”

A respeito dos interesses coletivos da humanidade, Jaguaribe (1994, p. 73) considera que o mundo está sendo grandemente afetado pela tecnologia, e assim, aprofundando a brecha entre Norte e Sul. Mundo este que vem formando megablocos, como o europeu, e um mundo no qual triunfa a economia privada de mercado, porém esse mundo está se revelando inapto para administrar, de maneira satisfatória, os grandes temas de interesse da humanidade.

A disparidade entre os países é notória, tanto economicamente quanto socialmente, principalmente quando analisados dados referentes ao número de pessoas que vivem na miséria, daqueles que não tem acesso à alimentação, saúde e educação. E considerando que cada país ainda possui disparidades entre seus habitantes, o Brasil é um dos que possui grande concentração de renda. Analisando o processo de desenvolvimento no século XVI Antunes (2004) constatou que “na generalidade dos casos, o desenvolvimento de uns países andou associado ao

subdesenvolvimento de outros. E, adentro do mesmo país, o desenvolvimento de umas regiões andou a par com o subdesenvolvimento de outras.”

Amorim (1994) comenta como é tardio o verdadeiro interesse dos países, através das Nações Unidas, de realmente trabalhar em conjunto na promoção do desenvolvimento, em virtude de eventos pós segunda guerra mundial, como a Guerra Fria. Nas palavras de Amorim (1994, p. 234):

[...] desde a criação das Nações Unidas, os debates sobre o desenvolvimento estiveram marcados pela polarização da Guerra Fria. O acerbo antagonismo entre capitalismo e socialismo levou à virtual paralisação das Nações Unidas na promoção do desenvolvimento. O fim da Guerra Fria trouxe a expectativa de que, livre do confronto ideológico, pudesse a comunidade internacional finalmente dar fiel cumprimento à Carta das Nações Unidas e fortalecer a cooperação com vistas ao progresso material e social da humanidade.

A principal questão é a das desigualdades, direta ou indiretamente, seja entre nações ou adentro das próprias nações. Pois é com a desigualdade que surgem também desequilíbrios de poder, seja econômico, político ou social, e ainda disparidade de riquezas. (SEN, 2001, apud, ANTUNES, 2004).

2.3 OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO

No ano 2000, a ONU, ao analisar os maiores problemas mundiais, estabeleceu 8 Objetivos do Milênio (ODM), que no Brasil são chamados de 8 Jeitos de Mudar o Mundo. Até 2015, todos os 191 Estados- Membros das Nações Unidas assumiram o compromisso de cumprir oito objetivos gerais estabelecidos, são eles: erradicar a extrema pobreza e a fome; atingir o ensino básico universal; promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; reduzir a mortalidade na infância; melhorar a saúde materna; combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; e estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento (PNUD) Os objetivos estão representados na figura abaixo:



Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – ONU
 Fonte: PNUD (2010)

Cada um desses pontos é exposto a seguir, conforme o teor do mencionado documento:

- Erradicar a extrema pobreza e a fome: Reduzir pela metade o número de pessoas que vivem com renda inferior a 1 dólar por dia, alcançar o emprego produtivo e pleno, inclusive para jovens e mulheres. O número de pessoas em países em desenvolvimento vivendo com menos de um dólar ao dia caiu para 980 milhões em 2004, contra 1,25 bilhão em 1990. As desigualdades mais visíveis estão na América Latina, Caribe e África Subsaariana, sendo que se o ritmo atual de progresso continuar, este objetivo não será cumprido, pois em 2015 ainda haverá 30 milhões de crianças abaixo do peso ideal no sul da Ásia e na África. (PNUD, 2010).

O objetivo estabelecido para o Brasil já foi cumprido, houve uma redução de 8,8% da população vivendo em extrema pobreza em 1990 para 4,2% em 2005, mas ainda existem 7,5 milhões de brasileiros vivendo com renda domiciliar inferior a 1 dólar por dia. No ano de 2005 o governo brasileiro assumiu um novo compromisso de reduzir a pobreza extrema a 25% do total existente em 1990, e ainda a acabar com a fome no país até a data limite, 2015. (PNUD, 2010).

- Atingir o ensino básico universal: Garantir que crianças, meninos e meninas, sejam capazes de completar, até 2015, o ensino básico. O número de crianças frequentando a escola aumentou nos países em desenvolvimento, mas ainda existem mais de 100 milhões de crianças em idade escolar que continuam fora da escola, em sua maioria, meninas ao sul da Ásia e na África. Os dados para a América Latina e o Caribe indicam que 4,1 milhões de crianças estão fora das escolas. (PNUD, 2010).

No Brasil, o objetivo estabelecido já foi 95% concluído, 92,5% da população entre 07 e 17 anos está matriculada no ensino fundamental, porém nas zonas urbanas a taxa é um pouco maior, 95%. Restam dois desafios a serem solucionados, quanto a frequência às aulas, especialmente no norte e no nordeste do país, e também quanto a qualidade do ensino. (PNUD, 2010).

- Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres: Acabar com a disparidade dos sexos em todos os níveis de ensino. Começa cedo a desigualdade de gênero ao redor do mundo, o que deixa as mulheres em desvantagem, no norte da África, por exemplo, a proporção de trabalhadores do sexo feminino é de 1 para 5. (PNUD, 2010).

A taxa de progresso desse objetivo no Brasil está em 95%. As mulheres estudam mais que os homens, mas ainda recebem menos do que homens na mesma função e têm menores chances de emprego. Em 2005, a proporção de homens trabalhando com carteira assinada era de 35%, e de mulheres, 26,7%, na área política, a chamada esfera de decisão, a participação feminina é baixíssima, as mulheres representam 8,8% dos deputados e 14,8% dos senadores. (PNUD, 2010).

- Reduzir a mortalidade na infância: Reduzir em dois terços a mortalidade de crianças com menos de 5 anos. Esse objetivo tem progredido em todo o mundo, mas quase 11 milhões de crianças ainda morrem todos os anos antes de completar a idade de 5 anos. A maioria delas por doenças que podem ser evitadas ou tratadas, como doenças respiratórias, diarreia, sarampo e malária. (PNUD, 2010).

O objetivo para o Brasil já foi 100% cumprido, o país reduziu a mortalidade infantil, que se refere a crianças com menos de um ano, de 49 óbitos por mil nascimentos, em 1990, para 25 em 2006. Porém, a desigualdade ainda é grande, as

crianças pobres têm mais do que o dobro de chance de morrer do que as ricas, e aquelas nascidas de mães negras e indígenas apresentam maior taxa de mortalidade. (PNUD, 2010).

- Melhorar a saúde maternal: Reduzir em três quartos a taxa de mortalidade materna e atingir o acesso universal à saúde reprodutiva. Infelizmente, 500 mil mulheres morrem por ano por causa de complicações na gravidez ou no parto, e aproximadamente 10 milhões ficam com sequelas. Os maiores progressos desse objetivo estão sendo constatados nos países de renda média, como o Brasil, mas ao redor do mundo a disparidade é imensa, na África Subsaariana, uma em cada 16 mulheres morre durante o parto, sendo que, nos países industrializados o risco é de uma para cada 3.800. (PNUD, 2010).

No Brasil, o progresso para este objetivo está em 50%. Dados mostram que houve redução de 12,7% na mortalidade materna entre os anos de 1997 e 2005, mas nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e no Sul, a taxa de mortalidade materna aumentou, o que indica que ainda há muito para melhorar em relação à saúde materna no país até 2015. (PNUD, 2010).

- Combater o HIV/Aids, a malária e outras doenças: Deter a propagação do vírus HIV, a incidência da malária e outras doenças importantes, e inverter a tendência atual para essas doenças, além de prover o acesso universal ao tratamento da Aids. Estimativas indicam que 6,8 mil pessoas são infectadas todos os dias pelo vírus HIV, e 5,7 mil morrem por consequência da Aids, apenas 28% da população infectada recebe tratamento. A malária mata 500 mil pessoas por ano, especialmente na África, e a tuberculose, 2 milhões. (PNUD)

No Brasil, além dos objetivos descritos anteriormente, foram incluídas metas a respeito da eliminação da tuberculose e da hanseníase. Todos os objetivos propostos para o país já foram alcançados, mais de 180 mil pessoas recebem tratamento financiado pelo governo com antiretrovirais, e o Brasil foi o primeiro país em desenvolvimento a proporcionar acesso total e gratuito para o tratamento de HIV/Aids na rede de saúde pública. (PNUD, 2010).

- Garantir a sustentabilidade ambiental: Reverter a perda de recursos ambientais, integrar os princípios de desenvolvimento sustentável nas políticas e

programas nacionais, reduzir a taxa de perda de diversidade biológica, aumentar o acesso permanente e sustentável da população à água potável segura e esgotamento sanitário, e até 2020 alcançar melhora significativa nas vidas de pelo menos 100 milhões de pessoas vivendo em bairros degradados. Em todo o mundo a proporção de áreas protegidas tem aumentado, estima-se que a meta de reduzir à metade o número de pessoas sem acesso a água potável deva ser cumprida, mas a de melhorar as condições em bairros pobres está progredindo de maneira lenta. (PNUD, 2010).

No Brasil, apenas a metade dos objetivos foi concluída, O país conseguiu reduzir importantes índices, como o de desmatamento, bem como o consumo de gases prejudiciais à camada de ozônio e ainda aumentou sua eficiência energética, através do aumento do uso de fontes de energia renováveis. O maior desafio para o país é melhorar as condições de moradia, que vai depender dos investimentos nas áreas atingidas. (PNUD, 2010).

- Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento: Dentre as várias metas estipuladas dentro desse objetivo, destaca-se: avançar no desenvolvimento de um sistema comercial e financeiro aberto e não discriminatório, tratar globalmente o problema da dívida dos países em desenvolvimento, atender as necessidades especiais dos países menos desenvolvidos, que inclui um regime isento de direitos e não sujeito a quotas para as exportações, e uma maior ajuda pública para os países engajados na luta contra a pobreza. Atender às necessidades especiais dos países sem acesso ao mar e dos pequenos Estados insulares em desenvolvimento. Em cooperação com os países em desenvolvimento, com a indústria farmacêutica, e o setor privado, propor soluções para o mercado de trabalho destinado aos jovens, para que possam ter um trabalho digno e produtivo. Proporcionar também o acesso a medicamentos a preços viáveis, e tornar acessíveis os benefícios das novas tecnologias, principalmente das tecnologias de informação e de comunicações. (PNUD, 2010).

O andamento desse objetivo, que é o oitavo e último, para o Brasil encontra-se ainda em 50%. O país tem se mostrado articulador de negociações internacionais, como na criação do G-20 nas negociações da Rodada de Doha a respeito da liberalização do comércio. O Brasil também é exemplo de inovação no estabelecimento

de parcerias mundiais, e utiliza como meio, principalmente, a Cooperação Sul- Sul. (PNUD, 2010).

2.4 NOVOS ATORES DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A desigualdade social, a fome, a miséria, os desastres ambientais são alguns dos temas que estão sempre em pauta nas agendas de organizações internacionais como a ONU. São esses temas também que motivam milhares de ONGs e outras instituições a fazer algo que possa causar mudança, que possa fazer a diferença na vida das pessoas atingidas por esses problemas, que, no caso do meio ambiente de forma bastante visível, inclui toda a população no geral.

O mundo globalizado atual se torna mais dinâmico a cada dia, e mais a sociedade anseia participar das decisões que geram impacto no planeta em que estão inseridas. Os novos atores das relações internacionais, como o próprio nome explica, são fatores novos, assim, se faz importante também explicar o contexto em que esses novos atores vem surgindo, o momento vivido na transição entre os séculos XX e XXI, ou seja, a era da globalização.

Martin Albrow (1996, p. 340, apud, ANTUNES, 2004, p.79) define globalização como: “o processo pelo qual a população se torna cada vez mais unida em uma única sociedade”. Já Anthony Giddens (1996, p. 45, apud, ANTUNES, 2004, p. 79) explica que:

A globalização pode, assim, ser definida como a intensificação das relações sociais de escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilômetros de distância e vice-versa.

Foi nos anos 80 que a utilização do termo globalização adquiriu maior destaque em virtude das discussões sobre a sociedade pós-industrial. Ainda nos anos 60 porém o termo global era simplesmente sinônimo de mundial, mas nos anos 70 surge a expressão de aldeia global, criada por Marshall McLuhan, que captou o rumo

que a sociedade moderna se encaminhava, onde a comunicação cada vez mais instantânea transformava a cultura mundial afetando assim as comunidades locais. (ANTUNES, 2004, p. 80)

O autor ALBROW (1996, p. 340, apud, ANTUNES, 2004, p.79) afirma:

Para os economistas, a globalização é uma palavra que ficou associada à dissolução das barreiras nacionais à operação de mercados de capital que teve início no começo dos anos 80. Isso resultou em negócios simultâneos nos principais mercados de Nova York, Londres, Frankfurt, de tal forma que o movimento dos mercados se encontra evidentemente fora do âmbito do controle de qualquer agência nacional.

Albrow define a globalização do ponto de vista da economia, explicando que a movimentação dos mercados não está sob o controle de qualquer agência nacional, e a partir disso, entra em pauta a importância de alguns dos novos atores das relações internacionais.

O PNUD, em um dos seus relatórios sobre o desenvolvimento humano, estipula quatro fatores que definem o período de começo do século XXI e final do século XX, são eles: novos mercados, novos instrumentos, novos atores e novas regras. O destaque se dá para os novos atores, dentre os quais pode-se citar a Organização Mundial do Comércio (OMC) que possui autoridade sobre governos nacionais, também empresas multinacionais com maior poder econômico do que muitos Estados, ainda as redes mundiais de organizações não governamentais (ONG) e outros que transcendem as fronteiras nacionais. (PNUD, 1999, p. 1 apud ANTUNES, 2004, p. 80)

Duwe (2006, p. 15) relata:

Observa-se que as modificações na estrutura do Estado-Nação, juntamente com valores que o acompanha, constitui uma referência-chave na redefinição do cenário internacional. Ou seja, percebe-se claramente o alvorecer de novas formas de organização política, como o Fórum Social Mundial (FSM), superando os quadros clássicos até então conhecidos justificados pelos anseios de responder às diferentes demandas apresentadas pela globalização e pela necessidade de conceder uma maior proteção ao cidadão e conferir-lhe plenamente as potencialidades da cidadania democrática.

Atualmente, não são apenas os governos dos países, e as organizações internacionais que tem poder no que diz respeito às questões mundiais, surgem assim, os novos atores das relações internacionais. Para Barros-Platiau (2001, p. 2): “quanto aos novos atores, que são assim denominados por não pertencerem à esfera estatal, os mais importantes são as empresas multinacionais, as ONGs, os indivíduos, [...] e a Igreja.”

Nos séculos passados, apenas os Estados eram considerados atores nas relações internacionais, porém, esse conceito foi modificado, e vem sendo ainda, pois as relações englobam hoje, muito mais agentes capazes de modificá-las. Marques (2008, p. 13) explica que:

As relações internacionais do início do século XXI apresentam-se bastante distintas das do início do século XX. No decorrer do século passado observou-se profundas modificações no cenário internacional. O modelo de Vestfália, baseado no sistema de Estados soberanos preocupados tão somente com questões de segurança internacional, enfraqueceu e em seu lugar surgiu um emaranhado de relações muito mais complexas. Neste contexto, o Estado deixou de ser o único ator internacional e passou a dividir o palco das relações internacionais com outros atores.

Existe certo consenso entre os autores a respeito dos atores das relações internacionais, mas os novos atores, como a mídia e os indivíduos, “ainda não têm esta condição reconhecida por toda a doutrina, mas já atuam de maneira significativa nas relações internacionais.” (MARQUES, 2008, p. 16). Duwe (2006) afirma que “multiplicou o número de atores à medida que emergem mecanismos alternativos de associações e de gestão do poder.” E destaca que “entre os atores das Relações Internacionais pode-se admitir os Estados, as Organizações Internacionais, as Organizações Não-Governamentais, as empresas transnacionais, redes e movimentos sociais.” Para Casarões, são considerados atores os indivíduos, os órgãos burocráticos, os Estados, as organizações intergovernamentais, as ONGs, as igrejas, as empresas transnacionais, etc.

Duwe (2006) explica que:

[...] a sociedade civil global trouxe uma nova realidade às relações internacionais: as redes horizontais de coalizão internacional. De forma não

institucional, essas redes atuam de maneira anárquica, quase sempre à margem do sistema clássico que envolve principalmente, o Estado e as Organizações Internacionais. [...] A nova configuração das relações internacionais permite o surgimento de outras formas de poder que passam a exercer notada importância no sistema-mundo.

Para muitos autores as organizações religiosas, quando participantes do cenário de ajuda humanitária, estão incluídas dentre as ONGs, o que fortalece sua participação como ator das relações internacionais.

Podemos dizer que há um entendimento social de que ONG's são entidades às quais as pessoas se vinculam por identificação pessoal com a causa que elas promovem. Essas entidades, por natureza, não têm finalidade lucrativa, mas uma finalidade maior, genericamente filantrópica, humanitária, de defesa de interesses que costumam ser de toda a população e que, historicamente, deveriam ser objeto de atividade do poder público. Destina-se a atividades de caráter eminentemente público, sendo a parcela da sociedade civil, como um todo, que se organiza na defesa de seus interesses coletivos. Dessa forma, distinguem-se até de seus sócios e passam a fazer genericamente parte do patrimônio de toda a sociedade, às vezes, no mundo inteiro. (SEBRAE, 2010).

Ainda a respeito da importância das ONGs no cenário internacional:

As organizações não-governamentais atuam de maneira independente ou em parceria com Estados e organizações internacionais, agindo em áreas nas quais a ineficácia do Estado está cada vez mais latente. Desta forma, o fenômeno das ONGs deveu-se ao fato de essas organizações serem capazes de agir concretamente e de maneira imediata em diversos temas da agenda internacional: questões humanitárias, meio ambiente, saúde, educação, direitos humanos, entre diversos outros. (MARQUES, 2008, p. 26).

2.5 O PAPEL DAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS NA COOPERAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO

Para se atingir o objetivo de explicar o papel das organizações religiosas na esfera internacional de ajuda humanitária é preciso entender diversos conceitos, como a motivação por trás das organizações religiosas, no caso do presente trabalho, as origens do cristianismo e o porquê de se fazer o que se faz na esfera da ajuda aos seres humanos, tanto nacional quanto internacionalmente.

A respeito do enfoque da globalização necessário para a continuidade da vida, o foco merecido, o PNUD (1999, p. 2, apud, ANTUNES, 2004, p.80) explica:

O desafio da globalização no nosso século não é travar a expansão dos mercados mundiais. O desafio está em encontrar as regras e instituições para uma governação mais forte – local, nacional, regional e mundial – para proteger as vantagens dos mercados mundiais e da concorrência mas, também, para providenciar espaço suficiente para os recursos humanos, comunitários e ambientais necessários para assegurar que a globalização funciona para as pessoas – não apenas para os lucros.

As organizações religiosas ajudam a cumprir os desafios ao mesmo tempo antigos e atuais da humanidade. Percebe-se uma mudança de foco do dinheiro para as pessoas e suas necessidades, não deixando o primeiro de lado, mas elevando a prioridade do segundo, o indivíduo.

No Brasil, Muraro e Lima (2003, p. 101), apresentando um breve histórico do terceiro setor, ressaltam o pioneirismo das igrejas e organizações religiosas no combate às desigualdades sociais:

No Brasil, o terceiro setor foi no passado mais conhecido por ações voltadas à caridade e ligado a religiosos. Apenas igrejas, orfanatos, escolas religiosas e hospitais eram vistos como organizações importantes sem fins lucrativos. Na década de 1970, o país vivenciou mudanças que deram início a constantes movimentos sociais, buscando soluções para problemas localizados como falta de água, falta de terra, aumento de preços, dentre outros. Ao longo da década de 1980, a repressão militar ocorrida no final da década anterior, ainda com manchas do que representou para o modo de viver da população brasileira, caracterizou um período de lutas pelos direitos civis, seja ela pelas “Diretas Já” ou pelos movimentos organizados pelos sindicatos. Na década de 1990, a força da expressão “sem fins lucrativos”, unida a um período de fracasso governamental nas ações sociais, deu início a uma inegável expansão do terceiro setor, compondo ONGs, fundações, associações, clubes recreativos e esportivos, institutos etc.

Existem diversos termos utilizados atualmente, alguns mais amplos como terceiro setor, outros mais específicos como organizações religiosas, mas muitas vezes quando se fala no terceiro setor ou nas ONGs também se inclui as organizações de caráter religioso, que no Brasil, foram separadas das associações no novo código civil. Portanto quando se fala de ONGs ou do terceiro setor pode-se muitas vezes incluir também organizações religiosas. Santos (2010) explica:

É considerada organização religiosa, espécie do gênero pessoa jurídica de direito privado, conforme alteração do art. 44 do Código Civil levada a efeito pela Lei 10.825, de 22 de dezembro de 2003, publicada no Diário Diário Oficial da União – Seção 1 – do dia 23 subsequente.

Art. 44. São pessoas jurídicas de direito privado:

- I - as associações;
- II - as sociedades;
- III - as fundações.
- IV – as organizações religiosas;
- V – os partidos políticos.

Ainda sobre o amparo legal às organizações religiosas e às atividades por elas realizadas Silva (2009, p. 15) considera:

A Constituição da República Federativa do Brasil, compreendendo que não é de interesse do Estado prescindir do concurso voluntário nas ações de interesse social, sabiamente garantiu a liberdade de ação no serviço de assistência e promoção social a todas as associações livremente constituídas, voltadas aos nobres objetivos de atender às necessidades gerais do ser humano, sejam materiais, espirituais, morais, intelectuais ou culturais, entre as quais se encontram as organizações religiosas, cuja contribuição nesse sentido é inequívoca.

Na visão de Silva (2009), a importância das igrejas e organizações religiosas é fundamental no ambiente em que estamos inseridos, sendo que é impossível desconhecer o relevante papel que as religiões desenvolvem, desde a antiguidade, na assistência e promoção das pessoas carentes. Silva (2009, p. 15) complementa:

Acrescente-se, ainda, a certeza de que o Poder Público sozinho não tem condições de assistir a todos os cidadãos em situação de risco social, motivo pelo qual adquire cada vez mais relevância o trabalho desenvolvido pelas instituições que objetivam a melhoria da qualidade de vida do ser humano, instituições estas que compõem o denominado Terceiro Setor, do qual fazem parte as organizações religiosas.

Pois bem, terceiro setor é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, tendo como meta serviços de caráter público, fazendo parte as ONGs e inúmeros principais personagens do terceiro setor, tais como: fundações, entidades beneficentes, fundos comunitários, entidades sem fins lucrativos, empresas doadoras, empresas com responsabilidade social, elite filantrópica e empresas juniores sociais. (KANITZ, 2011).

A respeito do cristianismo, base de diversas organizações religiosas, dentre elas, dos Gideões Missionários da Última Hora, descreve-se sobre sua origem e história:

Estudando, do ponto de vista da ciência histórica, o alcance de modificações políticas e culturais que o Cristianismo ocasionou, é certo que o historiador moderno pode, a rigor, reconhecer como legítima esta afirmação: O surgimento de Jesus de Nazaré deve ser considerado como uma curva decisiva da História. Ora, a afirmação teológica que está na base do sistema cronológico cristão ultrapassa de muito a constatação segundo a qual o Cristianismo trouxe mudanças históricas consideráveis. O que vai mais além, é que a Teologia afirma que a História, em seu conjunto, deve ser compreendida e julgada a partir desse acontecimento central. Constitui ele o sentido último e o critério de toda a História, tanto a que precedeu como a que segue. Esta pretensão histórica levantada em favor de curta atividade de um profeta galileu, que terminou supliciado sob um governador romano, está em flagrante contradição com o princípio mesmo da História, segundo a concebe o historiador moderno (CULLMANN).

Conforme visto anteriormente, o cristianismo trouxe muitas mudanças no âmbito histórico, tanto que até o presente momento sua influência é reconhecida, sendo Jesus Cristo um marco decisivo da história. Cabe ressaltar a definição deste termo.

Madjarof (2010) explica:

Entretanto, o verdadeiro criador do cristianismo, em sua novidade e originalidade, é Jesus Cristo.
[...] Como é notório, Cristo não deixou nada escrito, de sorte que o nosso conhecimento mais imediato em torno da sua personalidade se realiza através dos escritos dos seus discípulos.

A base do cristianismo é, como a própria terminologia indica, Jesus Cristo, que tem seus ensinamentos registrados na Bíblia Sagrada. Alguns versículos presentes na Bíblia são motivadores cruciais para as atividades desenvolvidas pelas organizações religiosas. Dentre eles, pode-se citar o versículo 15 do capítulo 16 do livro de Marcos: “E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura.” (MARCOS). Essa frase dita por Jesus Cristo nos seus últimos momentos de vida retrata um mandamento dado por ele, com o objetivo de que o evangelho fosse levado a todos em todo o mundo. Já o versículo 22 do capítulo 2 do livro de Tiago diz: “Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada.” (TIAGO) Que

mostra a importância das obras, nesse sentido, o serviço social, como complemento necessário à fé. Esses versículos demonstram um pouco da motivação das organizações religiosas declaradamente cristãs para as áreas relacionadas ao desenvolvimento.

O primeiro versículo citado também é primordial no que se refere a missões. Reis (p. 2) define como:

Em seu sentido mais amplo, a missão é tudo o que a igreja faz a serviço do Reino de Deus (Missões no plural). Em sentido mais restrito, contudo, a missão refere-se à atividade missionária, a pregação do evangelho entre povos e culturas em cujo meio ele não é conhecido (Missão no singular).

Desta forma, pode-se entender melhor o sentido de missões, o termo utilizado para identificar a ação dos cristãos na pregação do evangelho. A partir da definição dessa palavra, pode-se estender o entendimento para outros termos como missionário, e organização missionária.

Atores envolvidos com política internacional ou relações internacionais percebem como é importante o conhecimento da importância das religiões para a compreensão mais profunda dos países onde vão atuar (GAARDER, 2001, p. 14). Isso porque, conforme Lemos (2009), os analistas de conjuntura internacional precisam compreender bem o elemento religioso que está ao lado dos segmentos econômicos, políticos, ideológicos e sociais de cada região do globo. Quando se tem os dados da religião, entende-se, com mais amplitude, a política internacional. Por exemplo, no Iraque, além de toda a complexa intervenção americana e de outros países, não se entende sua política interna se não houver a apreensão do significado dos sunitas e xiitas islâmicos naquela região. Outro exemplo pode ser observado na Índia, onde constantemente são verificados conflitos entre hinduístas e muçulmanos.

Desse modo, o conhecimento das religiões enriquece a visão dos diversos modos de vida e valores de culturas e povos diferentes. Hoje, no momento em que o mundo ficou pequeno e o contato multicultural tornou-se uma realidade, é necessário entrar na esfera do religioso para que o intercâmbio humano seja mais proveitoso (LEMOS, 2009).

Devido a isso, a voz de pessoas religiosas tem sido requerida tanto no contexto dos negócios como no político. As razões podem variar de interesses desde servir a si mesmo a conseguir que a religião, possivelmente, justifique esta ou aquela ação particular, a um interesse genuíno no desenvolver um diálogo com a religião sobre assuntos de concernência comum. Há muito tempo, lideranças das Nações Unidas expressam um desejo de que as Nações Unidas cheguem a ser um corpo que se refere, não só a diferentes estados membros, mas sim também à sociedade civil, onde se inclui as religiões.

Isso porque, muitas instituições religiosas se organizaram e continuam se organizando para a promoção humanitária a países de extrema pobreza. Nas catástrofes da natureza, por exemplo, as religiões têm sido pioneiras na ajuda às vítimas (LEMOS, 2009).

Devido a essa importância da religião nos assuntos de cooperação, muitos países reconhecem e estimulam as organizações religiosas na forma de auxílio ao Estado na lida com suas desigualdades sociais.

Assim, atualmente percebem-se iniciativas religiosas para apoiar a obra das Nações Unidas. Há tentativas de estabelecer instituições, onde representantes de religiões mundiais tratam de conflitos, nas quais sentimentos religiosos estão sendo envolvidos. Há visões de formar times inter-religiosos de emergência prontos para intervirem, seja onde for que uma crise se apresente (KOBIA, 2008).

Em uma oportunidade, o Encontro da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 2007, buscou retratar a importância do diálogo de uma cooperação inter-religiosa e intercultural, que se esforce para construir uma nova cultura de relações internacionais baseada nos direitos humanos, na segurança, na cooperação mútua e no respeito às leis internacionais. Aquele encontro contou com a participação de 80 Estados-Membros da ONU, representantes da sociedade civil, de organizações não-governamentais, de grupos religiosos e do setor privado.

Portanto, intercâmbios entre líderes religiosos e líderes políticos e econômicos estão sendo procurados para melhorar o estado do mundo, criando parceria global de líderes de negócios, políticos, intelectuais, religiosos e de outros líderes da sociedade, para definir e discutir assuntos chave sobre a agenda global.

Através do diálogo com líderes políticos, os líderes religiosos estão sendo convidados a trazerem a autoridade moral da religião para ajudar a resolver problemas que dividem comunidades e nações, com o objetivo de promover paz, reconciliação e progresso humano (KOBIA, 2008).

Dessa forma o papel das organizações religiosas, assim como de muitas outras ONGs, que tem no cristianismo a sua base, é prestar ajuda à população no sentido espiritual, oferecendo ambiente para cultos e reuniões, que se torna um local de comunhão e integração social para os membros, motivar as pessoas na busca de um estilo de vida conforme os ensinamento de Jesus Cristo, além de auxiliar os governos nas questões relacionadas a melhoria da qualidade de vida da população e oferecer, sempre que possível, acesso a serviços básicos, tais como saúde e educação.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Após o embasamento teórico, será feita nessa seção a caracterização do local de estágio, bem como apresentadas as respostas referentes aos objetivos específicos do trabalho.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO

Os “Gideões Missionários da Última Hora”, que adotam como sigla GMUH, são uma organização religiosa que tem sua sede à Rua Joaquim Nunes nº 244, na cidade de Camboriú, estado de Santa Catarina. Sua principal atividade é a evangelização, bem como a prestação de serviços de assistência social e educação para pessoas carentes dentro e fora do Brasil.

Entre seus principais dirigentes, destacam-se: presidente: Pr. Cesino Bernardino; primeiro vice-presidente: Pr. Reuel Abreu Bernardino; segundo vice-presidente: Pr. Lauro Schlösser; primeiro secretário: Pb. Heron Macelai; segundo secretário: Pr. Roberto Olegário, e terceiro secretário: Pr. Alexandre Bernardino. É importante ressaltar que a entidade integra-se moral e espiritualmente à organização da Igreja Evangélica Assembléia de Deus de Camboriú.

A organização dos GMUH foi fundada em 15 de novembro de 1984 pelo presidente Pr. Cesino Bernardino, em cumprimento do mandamento bíblico de levar a Palavra de Deus por todo o mundo. No início da década de 1980, o Pr. Cesino Bernardino realizou um pequeno evento para os membros da igreja de Camboriú, com a finalidade de compartilhar o que estava acontecendo nas reuniões de oração e o desejo de unir a igreja na procura de uma pessoa disposta a ser enviada como missionária. Assim, acontece o 1º Congresso de Missões, na igreja sede da Assembléia de Deus, onde uma jovem estudante se dispõe a ser a primeira missionária. Ela foi enviada à República Argentina. Depois dessa pioneira, muitos outros foram enviados.

O Congresso de Missões é hoje o maior evento da organização e um dos maiores do Brasil. Realizado todos os anos no mês de abril, recebe pessoas das mais diversas partes do país. Está em sua 29ª edição no ano de 2011 e conta com a participação de 170 mil pessoas. (MORENO, 2010).

Ao longo do tempo, a organização foi crescendo. Diversos projetos foram desenvolvidos e implementados. Nacionalmente, os GMUH atuam principalmente no estado de Santa Catarina, e nos estados do Norte e do Nordeste do país. Em Camboriú, a organização oferece atendimento médico e odontológico gratuito, além da distribuição de medicamentos para a população carente da comunidade. Também coopera com outras instituições na cidade, como a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, Lar dos Velhinhos, entre outras. Na região amazônica, conta com 22 embarcações, incluindo um barco clínico-odontológico, que presta ajuda à população ribeirinha, distribui também roupas, Bíblias e medicamentos. Também apóia missionários em dezessete estados, que levam os ensinamentos de Jesus Cristo, como amor e perdão. (GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA)

Internacionalmente, a organização está em 24 países, e estão sendo desenvolvidos projetos em mais dois países. Os GMUH enviam pessoas capacitadas aos locais designados, para se estabelecerem e conhecerem as características da população, e assim desenvolver um projeto de acordo com as condições do local. Geralmente se inicia um grupo caseiro de estudo da bíblia, nos quais as pessoas podem aprender sobre esse livro, conhecer e compartilhar suas vidas e necessidades com outras pessoas.

A organização não tem fins lucrativos e se mantém financeiramente mediante doações de seus contribuintes. A organização disponibiliza um carnê, que não possui data de vencimento nem valor estabelecido, apenas para que as pessoas possam se organizar nas suas doações. Ao todo, são em torno de 118 mil contribuintes cadastrados, destes, 30 mil são doadores mensais. A quantia mínima, estipulada pelos bancos para o depósito, é de R\$ 10,00. Esse é o valor doado pela maior parte dos colaboradores, que são, principalmente, pessoas de baixa renda. A organização também arrecada dinheiro com a venda de DVD's dos projetos, camisetas, entre outros itens.

Os GMUH promovem campanhas, que têm uma duração específica, e variam conforme as necessidades de cada momento. Por exemplo, em 2010 uma das campanhas lançadas diz respeito à reconstrução do Haiti, que foi grandemente afetado em virtude de terremoto no início daquele ano. A campanha prevê a reconstrução de uma igreja naquele país e o envio de mantimentos a missionários.

A organização possui um eficiente sistema de comunicação. Os programas de rádio são os instrumentos de divulgação mais utilizados pelos GMUH. Cerca de 80% das contribuições recebidas são em virtude da comunicação por essa ferramenta. São duas estações que apóiam a organização, pelas quais são transmitidos cultos ao vivo, programas de notícias, musicais, ensinamentos da Bíblia, de interação com o público. É possível fazer pedidos de oração e oferecer músicas, além de programação destinada a públicos específicos, como os jovens e mulheres. Uma das estações se dá no âmbito local, a Rádio Paz no Valle, FM 105.9 mhz, que, além da transmissão de cunho religioso, contém programas de interesse da população, como notícias locais. A outra estação, a Rádio Voz Missionária, faz parte do Sistema Missionário de Comunicação, uma sociedade empresária limitada, que exerce como ramo de atividade, além de serviços de radiodifusão, a gravação, produção, distribuição de áudio e vídeo, impressão, distribuição e edição de jornais, revistas e materiais de uso diverso. A programação das rádios pode ser ouvida também pela internet, possibilitando assim que pessoas de diversas partes do mundo ouçam e entrem em contato com a organização.

Ainda na área de comunicação, os GMUH produzem uma revista trimestral chamada Vida Missionária, que contém informações sobre os projetos, além de artigos e entrevistas com temas relacionados à organização e ao Cristianismo no geral. No site da organização, www.gideoes.com.br, é possível assistir a diversos vídeos sobre os projetos, e as programações da igreja Assembléia de Deus, como cultos e algumas reuniões, e o programa de televisão Voz Missionária, que vai ao ar na rede do Sistema Brasileiro de Televisão - SBT para o estado de Santa Catarina; na TV Lance para os assinantes da SKY, e na TV Esporte Interativo, por meio de antena parabólica.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS SOBRE O PROBLEMA DA PESQUISA

A seguir, são apresentadas as informações referentes aos objetivos específicos do trabalho, que incluem a apresentação de um histórico dos projetos da organização religiosa Gideões Missionários da Última Hora, relacionando suas ações com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

3.2.1 Histórico dos projetos internacionais dos GMUH

É muito comum o primeiro passo de internacionalização de uma empresa ou organização ser em algum país próximo, pois geralmente a cultura e a língua são similares. Com os Gideões não foi diferente. O primeiro projeto internacional dos GMUH ocorreu na Argentina.

Esse projeto começou há 30 anos com a missionária Alenir Bernardino, na cidade de Alta Gracia, Cordoba. Hoje, a maior concentração do projeto está na cidade de Cipolletti, Argentina, e possui 15 missionários trabalhando na região. O projeto conta com um templo no centro da cidade, um colégio com cerca de 300 alunos, outros terrenos e uma emissora de rádio. Cada projeto dos Gideões tem um slogan, geralmente relacionado ao início do projeto. Para a Argentina, o lema é: “Amar sim, abandonar jamais”. (BERNARDINO, 2010).

A partir desse Projeto pioneiro, a atuação foi se expandindo. Atualmente, os Gideões Missionários da Última Hora estão presentes em 26 países. Pode-se verificar no mapa abaixo os países onde os Gideões possuem projetos sendo desenvolvidos.

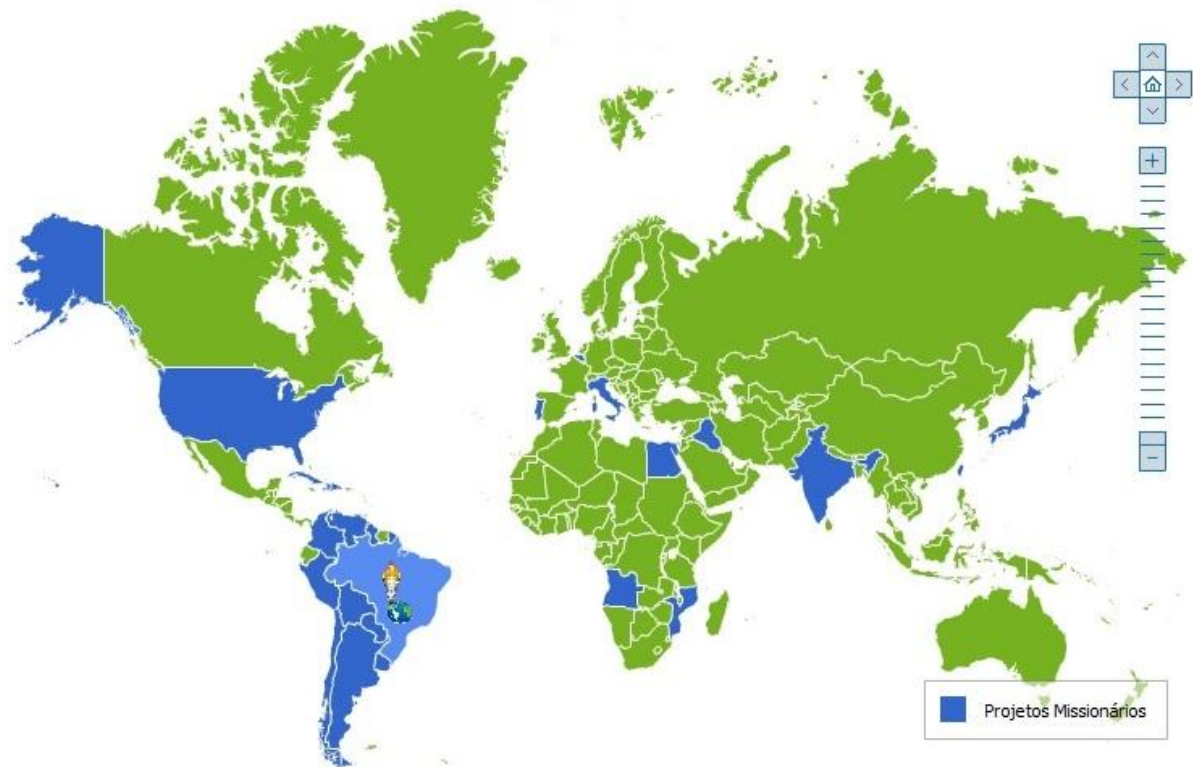


Figura 2 - Mapa identificando os países nos quais os GMUH possuem projetos.
 Fonte: Projetos Missionários (2011)

O projeto no Chile também existe há bastante tempo, em torno de 25 anos. Atualmente, está espalhado de norte a sul do país e também em ilhas, como a Ilha de Páscoa, sob o comando do missionário Marcos Antonio Astete Quincha. (MORENO, 2009).

No Peru, na cidade de Iquitos, o missionário Javier Meder Navarro faz um trabalho de evangelismo junto às populações ribeirinhas na região amazônica daquele país. Ele dá apoio aos cristãos já existentes no local, visto que muitas obras missionárias começam, mas são interrompidas pela falta de recursos ou porque os missionários não agüentam viver em situações tão adversas. (NAVARRO, 2009).

Na Venezuela, os missionários Elonildo e Marcilene Starosky, juntamente com seu filho Jhon Victor, trabalham em meio a uma situação de escassez, pois o custo de vida é muito alto no país. Apesar de ser um grande produtor de petróleo, a população venezuelana carece de alimentos como leite, carne e açúcar. (STAROSKY, STAROSKY, 2009).

O projeto na Colômbia é relativamente novo. Possui apenas 2 anos e duas missionárias estão trabalhando no país. A atuação naquele país começou partir de uma trabalho desenvolvido com crianças e hoje esse projeto beneficia 40 crianças e 20 adultos. (MEDEIROS, 2009).

No Uruguai, existe um trabalho na cidade de Paysandu, liderado pelos missionários Wellington e Kátia. (GMUH, 2009).

Os Gideões também estão presentes na Bolívia. De tempos em tempos, os pastores e líderes dos missionários visitam os locais do projeto em cada país para acompanhar e registrar em fotografias e vídeos o que acontece em cada região, com relatos de informações raramente divulgadas na mídia. A seguir, um trecho do relatório do pastor e repórter dos GMUH, Ivandro Morim, em sua viagem ao Acre e à Bolívia, na região amazônica:

Olhei no meio da mata e vi uma senhora negra e muito magra correndo em nossa direção e gritando: 'Graças a Deus tem gente vindo aqui!'. Aquilo me tirou o fôlego, pude ver três pessoas vivendo embaixo de troncos de árvore coberto por folhas e pedaços de plásticos, a estampa da fome, miséria e abandono, tanto social quanto espiritual. Quando descemos, corri com minha câmera ligada para ver o encontro de Ivonete com ela; aquela senhora não deixava de olhar dentro do barco, procurando algo de comer. À medida que fomos nos relacionando com aquela família podemos ver literalmente o valor de um missionário apaixonado pelos perdidos da terra. Ivonete os abraçou, orou com eles e os ganhou todos para Jesus, depois disto eu assisti a maior obra de caridade de toda minha vida: Ivonete, Inês e Luiz pegaram alguns sacos e começaram vestir aquela família com as roupas que levamos; depois de distribuir roupas para todos Luiz sobe a barranca do rio com sacos de comida na cabeça para entregar para aqueles miseráveis que vivem fora dos olhares da sociedade. Aquela senhora, que estava com sua família naquela mata havia mais de doze anos, gritava: 'Obrigado, meu Deus, por ter enviado pessoas tão boas aqui onde moramos; obrigado, Deus, por não se esquecer de nós, que somos tão pobres e esquecidos'. (MORIM, 2009, p. 2-3).

Na figura a seguir, verifica-se uma das fotos da viagem realizada pelo pastor Morim ao Acre e à Bolívia, na região amazônica.



Fotografia 1 - Pastor dos GMUH e repórter, Ivandro Morim, em visita à Bolívia
Fonte: Morim (2009)

Além desses países, no continente americano os GMUH estão na Guiana Francesa, Suriname, Guiana, Estados Unidos, Cuba, República Dominicana e Haiti. Nos outros continentes, os missionários dos Gideões podem ser encontrados, por exemplo, na Índia.

A Índia é um país de cultura e práticas muito diferentes do Brasil e dos costumes ocidentais no geral, inclusive religiosos. Portanto, é um desafio para uma organização religiosa cristã entrar nesse país. É também um risco se declarar cristão em algumas regiões com costumes extremistas, como no norte do país. Conscientes dessas questões, mas motivados por seus ideais, os GMUH mantêm hoje, na Índia, 14 missionários que cuidadosamente trabalham levando uma mensagem de paz e esperança à população, que é fortemente atingida pelas desigualdades sociais. (GMUH, 2009).

Além da Índia, existem projetos dos GMUH na Itália, em Portugal, na Espanha, na Bélgica, na Romênia, no Egito, no Líbano, em Israel, no Iraque, em Taiwan, no Japão, e ainda, na Nova Zelândia.

3.2.2 O Haiti e o projeto na área da educação desenvolvido pelos GMUH

Buscando-se caracterizar o local de atuação desses missionários, no próximo item faz-se uma breve apresentação do Haiti.

3.2.2.1 Haiti

O Haiti ocupa parte da Ilha Hispaniola, a segunda maior ilha das Grandes Antilhas, localizada no Mar do Caribe, na América Central. Sua história contempla diversos episódios de violência e luta pelo poder. O país é a segunda república mais antiga das Américas (se fez independente depois apenas dos Estados Unidos) e a primeira república negra proclamada no mundo (95% da população é negra e 5% é mulata, considerada a elite mestiça). Da segunda metade do século XIX ao começo do século XX, vinte governantes sucederam-se no poder, sendo que destes, dezesseis foram depostos ou assassinados.

Em decorrência da conturbada história política e econômica, o Haiti sempre sofreu com problemas sociais e de infra-estrutura. A população estimada é de 9,7 milhões de pessoas, com uma expectativa de vida de 43 anos. O idioma oficial do país é o francês e o crioulo, ensinado nas escolas e amplamente falado pelos nativos. (CIA, 2011)

A religião dominante no país é o cristianismo, sendo que 80% da população é católica, 16% evangélica, 1% sem religião e 3% outras. Mas existe um fato interessante da cultura haitiana que se mescla com a religião, estima-se que metade da população pratique o vodu. (CIA, 2011).

Além da violência, o índice de doenças e a falta de infra-estrutura básica estão entre os maiores problemas do país. A maior parte da sua população (cerca de 80%) vive em estado de pobreza absoluta, situação social e econômica agravada pela

alta incidência de AIDS, com 250 mil casos estimados (cerca de 5% da população está infectada por HIV). Na capital Porto Príncipe, não existe água canalizada e sistema de esgoto tratado. As pessoas pegam água em bicas públicas, sendo que algumas lideranças passaram a cobrar pedágio a tal acesso.

Face à escassez, lava-se roupa e carro e toma-se banho nas ruas, com água não-tratada. A quantidade de lixo espalhado nas vias públicas é outra mazela do país, assim como a falta de energia elétrica, que atinge 80% de sua capital. O rádio está entre os meios de comunicação mais utilizados pela população, em sua maioria analfabeta. O Haiti conta com duas redes de televisão, sendo uma delas estatal.

O Haiti é governado pelo presidente Michel Martelly, que assumiu o poder com 68% dos votos em 14 de maio de 2011. Ele tem um grande desafio à sua frente, tendo em visto que o país é o mais pobre das Américas e ainda sofre com os estragos provocados pelo terremoto em 2010. Martelly prometeu fazer reformas em quase todas as áreas, como educação, agricultura, habitação, saúde e segurança. Ao elegê-lo a população demonstrou que quer mudanças, e espera por isso. (BARREIRA JUNIOR, 2011, p. 80).

3.2.2.2 Os Gideões Missionários da Última Hora no Haiti

Um dos projetos dos Gideões Missionários da Última Hora está localizado no Haiti, sendo que esse projeto existe há 10 anos. Tudo começou a partir de uma viagem missionária, que é uma viagem com um propósito voltado para as missões, e não para turismo, mediante a qual as pessoas vão para fazer evangelismo e realizar trabalhos voluntários.

Silas de Souza, um dos pastores que viaja pelos Gideões Missionários, conheceu Saint Hilaire em uma de suas viagens missionárias. Saint Hilaire é haitiano, cristão, formado em Direito e engajado em um projeto de educação no país, porém sua origem é muito pobre e foi com muito esforço que concluiu sua formação universitária, sendo que no Haiti os advogados não obtêm muito retorno financeiro com a profissão,

apesar de terem que investir bastante durante o período de sua formação. Saint Hilaire decidiu, então, dar início a um projeto, chamado “Educação para os menos favorecidos”. Pelo fato de ter perdido seu pai no seu segundo mês de vida, incluiu em seu projeto um atendimento a órfãos. (LACERDA, LACERDA, 2010).

Após o primeiro contato com Saint Hilaire, o Pr. Silas retornou ao Brasil envolvido e tocado com o país e com aquele projeto. Descreveu a situação para o Pr. Cesino Bernardino, presidente dos Gideões Missionários da Última Hora, que lançou um desafio no programa de rádio “Voz Missionária”. Os ouvintes também manifestaram apoio, abraçando o projeto com os GMUH. Havia, assim, iniciado a obra. (LACERDA, LACERDA, 2010).

Em um primeiro momento, foi enviada uma pequena remessa de dinheiro, que foi destinado ao pagamento de oito professores, que, aos poucos, foram aumentando. Atualmente, trinta e dois professores são financiados pelos GMUH.

Sobre a estrutura organizacional, o projeto no Haiti conta com dois administradores, três centros de educação e orfanato, com os diretores Saint Hilaire e Marcellin Titu's, que é também pastor de um grupo de cristãos que se reúnem no mesmo endereço do centro de educação. O projeto conta ainda com a ajuda de um casal de missionários brasileiros, Karla Bianca e Valdevino de Lacerda, e com seu coordenador geral, Pr. Silas de Souza. (LACERDA, LACERDA, 2010).

Os centros de educação atuam em conformidade com o programa do governo haitiano. Eles recebem um cronograma do governo, com diversas exigências, tais como referentes a uniforme, material escolar e frequência dos alunos. O governo cobra todas essas exigências, mas não se compromete com a escola no que se refere a questões financeiras e, nesse caso, os professores, conforme já pontuado, recebem uma ajuda financeira dos Gideões Missionários da Última Hora, que também investem na infra-estrutura, para garantir o bom funcionamento dos centros educacionais. Com a ajuda de custo enviada mensalmente ao Haiti, também se compra água para alunos e professores. (LACERDA, LACERDA, 2010).

Em virtude do grande aumento de alunos, é preciso também aumentar o número de professores, detecta-se atualmente que ainda dez professores seriam necessários para atender todos os alunos. Inclusive existe a necessidade de algumas

turmas serem divididas por causa do grande número de alunos. No ano de 2011, em torno de oitocentas crianças formam o total de alunos matriculados. (LACERDA, 2011)

No Haiti não existe nenhum programa governamental de incentivo ao aluno ou à família carente, equivalente, por exemplo, ao Bolsa Escola no Brasil. Os alunos muitas vezes deixam de freqüentar as aulas por falta de calçados ou roupas adequadas. Esse ano foram distribuídos pelos GMUH uniformes e material escolar para as crianças.

Na foto abaixo estão os missionários Valdevino de Lacerda e Karla Bianca de Lacerda, usando camisetas laranjadas, com algumas crianças atendidas pelo projeto dos Gideões.



Fotografia 2 - Missionários Valdevino e Karla de Lacerda com as crianças do Projeto Haiti
Fonte: Lacerda; Lacerda (2010)

Na cidade haitiana de Guanaminthe, onde estão situados os centros educacionais, toda a infraestrutura é precária. Não existe rede de energia elétrica, de água potável, pavimentação, segurança urbana, nem mesmo rede básica de esgoto ou coleta de lixo, o que significa que o lixo fica exposto e ao alcance não apenas de

crianças, mas também de animais. Apesar de todas as adversidades, o projeto continua crescendo. (LACERDA, LACERDA, 2010).

A respeito da mobilidade, e dos obstáculos enfrentados pelos estrangeiros, segundo Lacerda e Lacerda (2010): “Para chegar nos referidos centro educacionais dependemos de motocicletas, as quais alugamos por um valor bem maior que o valor cobrado aos haitianos, por sermos estrangeiros, alias, tudo o que compramos [...] custa muito mais caro [...]”

O casal brasileiro faz missões transculturais. Eles moram em Dajabon, na República Dominicana, cidade que faz fronteira com o Haiti, a apenas dois minutos da fiscalização na fronteira. No bairro de Abanico, às margens do rio Masacre, também é desenvolvido um projeto com aproximadamente 100 crianças, que se reúnem todos os sábados para atividades. Os GMUH decidiram pela instalação da sua base missionária no lado dominicano por questões de segurança, pois, por serem estrangeiros, sua segurança pode ser comprometida em meio a violência encontrada principalmente em território haitiano. Sobre a segurança dos missionários e sua percepção da situação de pobreza no país, os missionários Karla Bianca de Lacerda e Valdevino de Lacerda (2010) relatam:

Os irmãos haitianos [...] sempre nos relatam acontecimentos em seu país e temem por nossa segurança, não nos deixam andar sozinhos em seu país, e sempre nos orientam a cerca dos problemas e perigos que existem no Haiti. Nosso dia-a-dia entre eles é algo que pra mim, nunca imaginei vivenciar, lia e ouvia noticiários a respeito de pobreza e miséria em todo o mundo, mas ver isso tudo assim de perto é um pouco assustador, apesar de termos trabalhado no sertão do Brasil, onde fome e miséria são coisas normais, mas como aqui nunca vimos nada igual, parecido sim, mas igual nunca. (LACERDA, 2010).

A casa dos missionários na República Dominicana é uma base missionária, que recebe constantemente os haitianos envolvidos no projeto. Pelo menos duas vezes por semana eles almoçam juntos. Segundo Lacerda e Lacerda (2010), eles “comem bem, consomem muita água gelada, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para amenizar a dor e o sofrimento deles.”

A respeito dos constantes atritos entre Haiti e República Dominicana, Lacerda e Lacerda (2010) relatam:

Há entre dominicanos e haitianos uma total incompatibilidade de convivência, mas os haitianos dependem economicamente da República Dominicana, sendo assim, são muitas vezes humilhados e ultrajados, não são raras as vezes em que presenciamos atos de crueldade da parte dos dominicanos em relação aos haitianos, mas isso é um problema social que existe e perdura desde o descobrimento e fundação de ambos os países. Em 1937, o presidente da República Dominicana, enviou correspondência ao presidente do Haiti pedindo que recolhesse todos os haitianos ao seu país de origem. Passado o tempo que constava na correspondência, mandou matar todos os haitianos que viviam na República Dominicana.

Ainda conforme relato da missionária Karla, existem cerca de cinco milhões de haitianos na República Dominicana, e isto tem preocupado o governo dominicano, mas é de certo modo cômodo para a população dominicana, visto que os haitianos vêm de uma cultura escravocrata. Contudo, após os terremotos no início de 2010 houve certa aproximação destes dois países. Segundo Romero e Lacey (2010, p. 2):

Antes do terremoto, a classe política haitiana via seu vizinho a leste com extrema cautela. O tratamento duro dado aos imigrantes haitianos por parte da República Dominicana e um ódio persistente envolvendo o massacre de dezenas de milhares de trabalhadores haitianos, ordenado em 1937 pelo ditador dominicano Rafael Trujillo, alimentam o ressentimento, além de uma dose de inveja em relação à relativa prosperidade do vizinho de porta do Haiti.

A respeito dos terremotos, os missionários no Haiti já presenciaram três, e relatam:

Sabemos quando alguma coisa grave está por acontecer através dos animais que ficam muito agitados, é incrível, só vendo pra acreditar, cães, [...] cabritos, gatos, enfim, não dá nem pra descrever o que se vive aqui, isso sem contar os tiros que ouvimos toda madrugada na fronteira, provavelmente algum haitiano tentando entrar clandestinamente na Rep. Dominicana, o exército tem ordem para matar” (LACERDA; LACERDA, 2010).

Após os terremotos no Haiti, em janeiro de 2010 alguns pastores dos GMUH estiveram no país para verificar as dimensões da tragédia, tentando, na medida do possível, buscar algumas soluções visando o alívio imediato do sofrimento para os problemas que assolam o país, numa extensão da missão educacional que fazem naquela nação. Pode-se verificar na foto abaixo o Pastor Alexandre Bernardino com a população local e ao fundo, o palácio do governo haitiano destruído pelo terremoto.



Fotografia 3 - Pastor dos GMUH, Alexandre Bernardino após o terremoto no Haiti.
Fonte: Bernardino (2010)

Mais de um ano após o terremoto, a situação na capital ainda é bastante grave. “Dezesseis meses depois, o ritmo da reconstrução ainda é dolorosamente lento para centenas de milhares de sobreviventes, que perderam tudo e vivem em acampamentos improvisados ao redor da capital, que segue em ruínas.” (EX-CANTOR..., 2011). Não bastasse isso, quando menos se esperava, um surto de cólera se espalhou pelo país, ainda no final de 2010, o que agravou a situação do Haiti após o terremoto. Dentre as pessoas alcançadas pelo projeto dos GMUH no Haiti, seis crianças morreram por causa da cólera.

Diante do cenário de destruição e frente às antigas mazelas que já faziam parte da rotina dos haitianos, os GMUH permanecem no país, com ações na área de educação, além da evangelização, bem como com algumas iniciativas que buscam amenizar o sofrimento gerado pela falta de condições mínimas de sobrevivência observadas naquele território.

3.2.3 A ação dos GMUH e as metas de desenvolvimento do milênio da ONU

Conforme o relato de caso anteriormente exposto, pode-se considerar que a atuação dos Gideões Missionários, vinculados à Igreja Assembléia de Deus, vem a caracterizar uma atuação em cumprimento de diversos pontos estabelecidos nas metas de desenvolvimento do milênio, estabelecidas pela ONU, entre as quais pode-se citar: erradicação da pobreza extrema e da fome, educação básica, promoção da igualdade entre os sexos, redução de mortalidade na infância e combate à doenças, principalmente aquelas relacionadas à higiene e cuidados básicos de saúde. Todos esses são pontos de extrema importância para o desenvolvimento de um país, e trabalhar para que eles sejam atingidos é uma tarefa árdua no meio de tanta pobreza e de tantas pessoas que necessitam desesperadamente de ajuda, como é o caso do Haiti, que já era considerado um país de extrema pobreza, situação agravada após o devastador terremoto, que atingiu principalmente a sua capital, Porto Príncipe, em janeiro de 2010 e a epidemia de cólera.

Contudo, infelizmente, a maior parte das ações de ajuda humanitária acontece apenas quando a mídia apresenta um problema, ou uma catástrofe, como foi o caso do terremoto. A partir disso, organizações se juntam na mobilização de pessoas e doações, com o objetivo de prestarem socorro às vítimas, mas essas ações duram alguns dias, semanas, e depois são esquecidas. Porém, no caso dos Gideões Missionários da Última Hora, pode-se constatar que já havia, muito antes do ocorrido, uma mobilização de ajuda à população daquele país como forma de contribuir para o desenvolvimento humano.

Os Gideões Missionários da Última Hora estão no Haiti há mais de 10 anos desenvolvendo atividades de longo prazo, muito mais trabalhosas e difíceis de serem encontradas em virtude do constante envolvimento do que ajudas ou mobilizações de curto prazo. A questão da alimentação, por exemplo, é algo diário, não basta alimentar a população durante um período e depois abandonar, toda ajuda é bem vinda, mas não é o ideal, e nem suficiente. Como exemplo também convém citar o investimento na vida de centenas de crianças que, por causa do projeto dos Gideões, contam com educação

de qualidade. Em um país onde 75% das crianças nas zonas rurais não têm acesso a escolas. (PRESIDENTE..., 2010).

Tal mobilização, que pode ser considerada uma ajuda humanitária, faz-se presente principalmente na área de educação, uma ação cujos benefícios ocorrem a longo prazo. Isso porque, a educação é algo que não é atingido instantaneamente, nem se pode investir uma vez, e esperar que dê algum resultado. Pelo contrário, a educação exige constante investimento, requer dinheiro e tempo para educar toda uma geração.

Desse modo, pôde-se constatar que os GMUH trabalham há anos no Haiti para que a educação seja realidade na vida de diversas crianças e que isso possa impactar a vida dessas crianças e gerar um resultado prático. Com a educação, muitos outros pontos são mais facilmente alcançados. Um simples exemplo é que uma criança que recebe educação aprende que é necessário lavar as mãos após ir ao banheiro e isso evita a contaminação e a possibilidade de adquirir doenças, ato simples, mas extremamente importante face às condições de higiene que são percebidas naquele país.

Por acreditar tanto na educação como base para o desenvolvimento de um país, e que, somente com ela, um país pode mudar de rumo, sair da condição de miserável, é que os Gideões investem nessa área. Parente (2010) sustenta esse raciocínio afirmando que “grandes organizações transnacionais fazem planos para a reconstrução do país e concordam que a educação é fundamental para o futuro desenvolvimento do país.”

Além disso, até agora se falou da educação como educação formal, a frequência escolar, mas não podemos deixar de lado a educação informal, também conhecida como extra escolar, que é aquela que faz parte do processo não institucionalizado, ou livre, da transmissão de conhecimento como as tradições de uma cultura, a fala de uma comunidade, ou ainda o comportamento de um determinado grupo presente na sociedade. (BRANDÃO, 1985 apud SANTOS, 2007).

A respeito da importância dos dois tipos de educação, e especificamente no caso do Haiti, onde vários prédios, dentre eles, de escolas e universidades, foram destruídos, a também o contingente populacional de mestres e professores foi

grandemente prejudicado com as mortes em virtude do terremoto, Parente (2010) destaca:

A educação, formal ou informal, não precisa e não deve esperar ou ficar confinada a paredes de novas escolas – ela pode acontecer em praças, jardins, igrejas, casas ou qualquer espaço minimamente apropriado para a reunião, orientação e cuidado de crianças e jovens. Membros de comunidades, como músicos, cozinheiras, pedreiros, mecânicos, ou simples contadores de histórias são convidados a dar oficinas artísticas e profissionais.

Dessa forma, destaca-se ainda mais a importância das organizações religiosas, pois além da educação propriamente dita, o ambiente das igrejas, é também utilizado para o ensino de atividades como reciclagem de materiais, o plantio de alimentos e o cultivo de uma horta comunitária, além de princípios bíblicos. (LACERDA, 2011).

Com o convívio nas escolas, existe a aproximação com as crianças e suas famílias, e dessa forma os missionários se deparam constantemente com situações e problemas gravíssimos, que vão tentando amenizar, na medida do possível. Dentre esses problemas a prostituição infantil se destaca por ser definida como incontrolável. Outra grande questão é a alimentação, bastante precária para a população. O casal Valdevino Lacerda e Karla Bianca de Lacerda (2010) destaca: que “ao passar dos dias descobrimos que os haitianos se alimentam de restos deixados no lixo, resto mesmo, tipo espinha de peixe, casca de legumes, ossos de frango, [...] o que estamos relatando é a expressão da verdade, pois falamos do que vimos diariamente.”

Outro objetivo que os Gideões vem implementando no Haiti é relacionado ao sétimo objetivo, a proteção e o respeito ao meio ambiente. Visando ensinar as crianças a respeito desse importante tema, os GMUH estão praticando, a partir desse ano de 2011 a reciclagem, o preparo de terra para o cultivo e uma horta comunitária. Não se pode desprezar que tudo isso está sendo feito em um lugar onde a estrutura é muito pobre.

Além de todas as questões citadas a respeito da ação dos GMUH, tendo como o foco o projeto desenvolvido no Haiti, cabe ainda destacar os diversos meios utilizados para o benefício da população, principalmente no Brasil. As ações dos Gideões no Brasil, em especial na região norte, nordeste e sul do país, também

contribuem de forma significativa com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Pode-se destacar o cumprimento do último objetivo, sobre trabalhar junto e estabelecer parcerias para o desenvolvimento, pois os Gideoes buscam, sempre que possível apoiar e trabalhar em conjunto com outras instituições como a APAE, e até mesmo com o Estado, pois em Camboriú, por exemplo, os Gideões possuem médicos, dentistas e enfermeiros para atender a população, o que também revela o empenho dos GMUH no cumprimento do sexto objetivo, sobre o combate à doenças. Ainda sobre esse objetivo, pode-se exemplificar citando os chamados barcos-clínica que circulam na região amazônica, oferecendo assistência à saúde da população.

4 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Este trabalho se propôs a analisar o papel da organização religiosa Gideões Missionários da Última Hora, na promoção do desenvolvimento humano na ótica dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Um histórico dos projetos dos Gideões foi apresentado, e o projeto desenvolvido no Haiti foi detalhado, com enfoque na área da educação. Também foram relacionadas as atividades dos Gideões com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

Para o entendimento dos objetivos propostos nesse trabalho, alguns itens de extrema importância foram utilizados como fundamentação teórica, são eles: Cooperação internacional; Desenvolvimento e subdesenvolvimento; Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio; Novos atores das Relações Internacionais; O papel das organizações religiosas na cooperação e no desenvolvimento.

Para alcançar os objetivos utilizou-se como metodologia da pesquisa o estudo de caso, baseado em pesquisa bibliográfica, classificada em exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, utilizando-se como técnica a pesquisa documental e entrevistas informais.

Pôde ser visto que, atualmente, muitas são as iniciativas de caráter religioso, que se ocupam da relação entre assuntos sociais e globais, tais como pobreza, injustiça, destruição ambiental, violência, entre outros. As organizações religiosas, portanto, estão cada vez mais atuantes nas questões sociais, como forma de amenizar algumas condições de desigualdades. A partir disso, ações que levem em conta a junção entre fé e desenvolvimento, estão sendo trabalhadas por instituições religiosas, orientadas para a promoção da cooperação e desenvolvimento humano.

Para demonstrar essa questão, este trabalho orientou-se a demonstrar o caso dos Gideões Missionários da Última Hora, vinculados à Igreja Assembléia de Deus, que atuam no sentido de evangelização, mediante ações locais e internacionais, principalmente promovendo assistência social, e investindo no setor de educação.

Assim, um aspecto que define a atuação dos GMUH é que eles promovem uma ação interagente que articula a ação social como estratégia de evangelização.

No caso específico desses atores no âmbito do Haiti, verificou-se mediante os relatos que a pobreza é generalizada naquele país, revelando-se mediante baixos e persistentes indicadores sociais, em setores como educação, saúde, saneamento básico, entre outros, determinados pelo fraco acesso a serviços sociais básicos. Tais condições foram agravadas pelo terremoto que devastou a sua capital, Porto Príncipe, em 2010, que ocasionou sérias consequências humanitárias.

Contudo, apesar de a pobreza naquele país ter múltiplas faces, podem ser amenizadas com ações de natureza social, política, econômica e religiosa. Reportando-se o caso dos GMUH para outras nações, pode-se considerar que as instituições religiosas podem ter um papel de importância para a cooperação internacional e desenvolvimento humano, a partir de iniciativas de evangelização.

Desse modo, pode-se concluir que, no campo das relações internacionais, as organizações religiosas, quando atuam de forma organizada, possuem um papel de relevante importância no que se refere à ajuda humanitária.

A respeito das limitações da pesquisa é fundamental destacar a escassa disponibilidade de material sobre o tema da pesquisa, a relação entre a atuação de organizações religiosas no cenário internacional e as questões relacionadas a desenvolvimento e cooperação internacional, o que demonstra também o caráter inovador da pesquisa em nível acadêmico

Assim sendo, acredita-se que este trabalho cumpriu com os objetivos pretendidos, bem como respondeu ao problema de pesquisa, acreditando-se que em momentos futuros, pode-se realizar uma investigação mais específica acerca de como os GMUH passaram a atuar no Haiti na recuperação após o terremoto. Outra investigação pertinente poderia ser relativa à união de diversos atores sociais, tais como Estado, empresas, outras nações, e igrejas, para diminuição de mazelas provocadas por desastres naturais, conflitos armados ou situação de países que registram pobreza e falta de acesso a serviços básicos. Além disso, as sugestões para os Gideões Missionários da Última Hora são: a formalização dos objetivos, missão e valores da organização, o treinamento dos gestores e colaboradores para que possam seguir o que se propõe a fazer de forma eficiente e eficaz, do ponto de vista administrativo, bem como estruturar os projetos com programas e objetivos para cada

um deles, pois assim haverá um maior controle das atividades, e estas poderão ser mensuradas, analisadas, e assim aperfeiçoadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Manuel de Azevedo. Do crescimento Econômico ao desenvolvimento humano em tempos de Globalização. **Revista Lusófona de Ciências Sociais**. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/campussocial/article/view/178>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

AMORIM, Celso Luiz Nunes. Perspectivas da Cooperação Internacional. In: MARCOVITCH, Jacques. **Cooperação internacional: Estratégia e Gestão**. São Paulo: Editora da USP, 1994. p. 149-163.

_____. (Org.). **Política externa, democracia, desenvolvimento**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1995.

BANCO MUNDIAL. **How we classify countries**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/about/country-classifications>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

BARREIRA JUNIOR, Eliseu. Um cantor para salvar um país. **Revista Época**, n. 679, p. 80-81, mai. 2011

BARROS-PLATIAU, Ana Flávia. **Novos atores, governança global e o direito internacional ambiental**. Disponível em: <http://www3.esmpu.gov.br/linha-editorial/outras-publicacoes/serie-grandes-eventos-meio-ambiente/AnaFlaviaBarrosPlatiau_Novos_atores.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2010.

BERNARDINO, Alenir. **Testemunho Miss^a Alenir Bernardino**: Projeto Argentina. 2010. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projeto-argentina/testemunho-miss-alenir-bernardino.html>>. Acesso em: 06 jun. 2010.

BENTO XVI. **Caritas in veritate**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate_po.html>. Acesso em: 06 jun. 2010.

BRANDÃO, 1985 apud SANTOS, Pablo Silva. **O que é educação informal**. 2007. Disponível em: < <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1700600-que-%C3%A9-educa%C3%A7%C3%A3o-informal-extra/>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

CASARÕES, Guilherme. Teoria **das Relações Internacionais I**. Disponível em: <casaroes.googlepages.com/TeoriadeRelaesInternacionaisI.ppt>. Acesso em: 06 jun. 2010.

CASTRO, Josué de. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.josuedecastro.com.br/port/desenv.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

CIA. Central Intelligence Agency. **The World Factbook: Haiti**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>>. Acesso em: 24 mar. 2010.

COOPERAÇÃO INTERNACIONAL. **Conceitos**. Disponível em: <http://www.minedu.gov.cv/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=71&Itemid=74>. Acesso em: 11 mai. 2010.

CULLMANN, Oscar. **Conceito cristão de História**. Acesso em: http://www.monergismo.com/textos/historia/conceito_cristao.htm. Acesso em: 11 abr. 2011.

DOMINGUES, Ronald. **Conceito e medição de Desenvolvimento Sócio-econômico**. Disponível em: <<http://www.ronalddomingues.com/index.php?lang=2&s=economics&id=58>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

DUWE, Thiago Persuhn. **Fórum Social Mundial: novo ator nas relações internacionais contemporâneas**. Disponível em: < http://www.sbpcnet.org.br/livro/58ra/SENIOR/RESUMOS/resumo_1100.html>. Acesso em: 05 jun. 2010.

Ex-cantor Ex-cantor Michel Martelly toma posse como presidente do Haiti. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/915867-ex-cantor-michel-martelly-toma-posse-como-presidente-do-haiti.shtml>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GARCIA, Alfredo. **Dimensões da Globalização**. 2010. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/esscpglobalizacao/factoresquecontribuiramparaaglobalizacao>>. Acesso em: 31 mai. 2010.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA – GMUH. **Obras Sociais**. 2010. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/index.php/GMUH/obras-sociais.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

_____. **Projeto Uruguai**. 2009. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projetos/projeto-uruguai.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

_____. **Projeto Índia**. 2008. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projetos/projeto-india.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULET, Denis. **Desarrollo humano**. In: J. CONILL. Glosario para uma sociedad intercultural. Valencia: Bancaja, 2002.

KANITZ, Stephen. **O que é o Terceiro Setor?** Disponível em: <<http://www.filantropia.org/OqueeTerceiroSetor.htm>>. Acesso em 28 mai. 2011.

KOBIA, Samuel. **Sarar o Mundo – Agindo juntos: a Religião numa Sociedade Global. Conferência Internacional do Conselho Internacional de Cristãos e Judeus**. 2008. Disponível em <http://www.jcrelations.net/pt/?item=2554>. Acesso em: 30 out. 2010.

LACERDA Valdevino; LACERDA, Karla Bianca de. 2010. **Histórico e relatório do Projeto Haiti**. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projeto-haiti/historico-e-relatorio-do-projeto-haiti.html>>. Acesso em: 15 maio 2010.

LACERDA, Karla Bianca de. **Projeto Haiti**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariluzamajesus@hotmail.com em 23 mar. 2011.

LAFER, Celso. Política Externa Brasileira: Reflexão e Ação. In: MARCOVITCH, Jacques. **Cooperação internacional**: Estratégia e Gestão. São Paulo: Editora da USP, 1994. p. 23-46.

LEMOS, Carolina Teles. **Religião e o sentido da vida**. 2009. Disponível em: <professor.ucg.br/.../8.religiao%20e%20sentido%20DE%20vida.doc>. Acesso em 28 out. 2010.

MADJAROF, Rosana. **O cristianismo**. Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/cristianismo.htm>. Acesso em: 11 abr. 2011.

MARCOS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/16>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

MARCOVITCH, Jacques. Competição, Cooperação e Competitividade. In: _____. **Cooperação internacional**: Estratégia e Gestão. São Paulo: Editora da USP, 1994. p. 47-63.

MARQUES, Guilherme Bez. Velhos e novos atores: as relações internacionais de Vestfália ao século XXI. **Revista Ius Gentium**: teoria e comércio no direito internacional, Florianópolis, n. 1, p. 12-32, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.iusgentium.ufsc.br/revista/artigo01.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2010.

MATOS, Ana Paula. Os símbolos e a simbologia religiosa: o papel da igreja católica. **Revista Brasileira da história das religiões**. Maringá, n.3, v.1, 2009.

MEDEIROS, Cleuseni Lopes. **Projeto Colômbia**. 2009. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projeto-colombia/miss-cleuseni-lopes-de-medeiros.html>>. Acesso em: 06 jun. 2010.

MORENO, Calebe Ibaldo. **Projeto Chile**. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/index.php/Materias-28º-EIM/release-do-congresso.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

MORIM, Ivandro. **Projeto Bolívia**: viagem Missionária. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/materias-bolivia/projeto-bolivia-viagem-missionaria-2009.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

MORGENTHAU, Hans J. **Politics among nations**: the struggle for power and peace. 7. ed. McGraw-Hill, 2005.

MURARO, Piero. LIMA, José Edmilson de Souza. Terceiro setor, qualidade ética e riqueza das organizações. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 79-88, jan/abr. 2003. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/revista.asp#5_2>. Acesso em: 05 jun. 2010.

NAVARRO, Javier Meder. **Projeto Peru**. 2009. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/projeto-peru/miss-javier-meder-navarro.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2010.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 37-48, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.fae.edu/publicacoes/revista.asp#5_2>. Acesso em: 29 mar. 2010.

PARENTE, Rafael. **Reconstruindo a educação no Haiti, de baixo para cima**. Disponível em: <<http://www.comunidadessegura.org/pt-br/MATERIA-reconstruindo-a-educacao-no-haiti-de-baixo-para-cima>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

Presidente do Haiti lança plano de financiamento à educação. 2011. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5153029-EI294,00.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

Projetos Missionários. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/gmuh/projeto-missionarios.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

PIZZI, Jovino. **O desenvolvimento e suas exigências morais**. Disponível em: <<http://www.ucpel.tche.br/filosofia/vol1/desenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

PNUD. Programa Das Nações Unidas Para o Desenvolvimento. **Objetivos de desenvolvimento do Milênio**. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/odm/>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

REIS, Gildásio. **Missões** por uma conceituação reformada. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/missoes/missoes-conceito-reformado_gildasio.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2011.

REVISTA VEJA. **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/indice-desenvolvimento-humano-idh>>. Acesso em: 12 mai. 2011.

ROMERO, Simon. LEROY, Mark. **Tensões entre Haiti e República Dominicana diminuem após terremoto**. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1481835-5602,00.html>>. Acesso em: 15 set. 2010.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 30. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.

SANTOS, Iber Souza Pancrácio. **Organizações Religiosas – Terceiro Setor**. 13 ago. 2010. Disponível em: <<http://painelgestaorganizacional.blogspot.com/2010/08/organizacoes-religiosas-terceiro-setor.html>>. Acesso em: 10 abr. 2011.

SEBRAE. **Oscip, o que é?** Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/oscip/02.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2010.

SILVA, Ricardo. **Organizações Religiosas têm na CF seu alicerce**. 29 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-jun-29/organizacoes-religiosas-constituicao-federal-alicerce-validade>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

STAROSKY, Elonildo; STAROSKY, Marcilene. **Projeto Venezuela**. 2009. Disponível em: <<http://www.gideos.com.br/projeto-venezuela/missionarios-elonildo-e-marcilene-starosky.html>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

TIAGO. Português. In: **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/tg/2>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Economia**: micro e macro. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.